



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS
VI/CAETITÉ-BA
PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO,
LINGUAGEM E SOCIEDADE

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE LETRAS DA UNEB, CAMPUS VI-
CAETITÉ: ENTRAVES, DESAFIOS, POSSIBILIDADES E ESTRATÉGIAS PARA O
ENFRENTAMENTO**

Linha de Pesquisa 2: Ensino, Saberes e Práticas Educativas

TEOTÔNIO ALVES DE MOURA JÚNIOR

Caetité – BA

2021

TEOTÔNIO ALVES DE MOURA JÚNIOR

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE LETRAS DA UNEB, *CAMPUS VI-CAETITÉ*: ENTRAVES, DESAFIOS, POSSIBILIDADES E ESTRATÉGIAS PARA O ENFRENTAMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito parcial para a obtenção de título de mestre.

Área de concentração: Ensino, Saberes e Práticas Educativas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Eliana Márcia Carvalho

Caetité – BA

2021

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), da Universidade do Estado da Bahia, *Campus VI – Caetité*, na seguinte Área de Concentração: Ensino, Saberes e Práticas Educativas, como requisito para obtenção de título de mestre.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Eliana Márcia dos Santos Carvalho (UNEB) – Orientadora

Prof^a Dr^a Esmeralda Guimarães Meira (UNEB) – Examinador interno

Prof. Dr. Claudio Pinto Nunes (UESB) – Examinador externo

Caetité, Bahia, 21 de dezembro de 2021.

AGRADECIMENTOS

Ninguém constrói sozinho um trabalho, de fato, importante. A partir do momento em que se decide por se dedicar a uma pesquisa para o processo de Mestrado, o autor tem de contar com a participação de muitas pessoas. A todas elas minha profunda gratidão porque suas falas enriqueceram sobremaneira esta investigação.

Agradeço a Deus, por não ter me deixado desistir quando tudo parecia muito difícil e por ter feito com que eu superasse momentos de profunda angústia.

Agradeço a minha orientadora, Dr^a Eliana Márcia Carvalho, por sua enorme generosidade, pelos seus valiosos conselhos e sugestões. Não tenho palavras suficientes para expressar o quanto estou honrado por ter sido seu orientando nesta jornada. Meu contato com a professora Eliana remonta a 1996, quando ela foi minha professora na 6^a série do Ensino Fundamental no Instituto de Educação Anísio Teixeira, em Caetité. Fui seu aluno também na graduação na UNEB. Minha admiração pela professora Eliana, portanto, já pode ser contada em décadas.

Agradeço igualmente à professora Dr^a Aparecia de Fátima Brasileiro, que me orientou no TCC no período da graduação, sendo hoje professora de Estágio Supervisionado da UNEB – Caetité, pela valiosa colaboração abordando os desafios que o Estágio impõe. Sou grato, também, às estagiárias da referida professora, “Sueli”, “Kátia” e “Cláudia”, que gentilmente me relataram, via formulários, suas experiências em sala de aula respondendo ao questionário que elaborei.

Agradeço a minha querida amiga Luciene Aguiar Oliveira, que acreditou desde o início que este sonho seria possível. Generosa e amante dos livros, Luciene – também profissional da Educação – me cedeu material bastante útil para esta pesquisa. A mãe de Luciene, a professora Jandira Aguiar Lédo, recebeu-me em sua casa com a costumeira gentileza e ajudou – narrando sua experiência como professora em Caetité, oriunda da antiga Escola Normal – a iluminar esta investigação. Meus agradecimentos se estendem a ela. À professora Valdeci Bastos agradeço também pela cordialidade em responder às minhas inquietações.

Dedico a meus queridos colegas e alunos da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus de São Cristóvão. Lembro com muita saudade da acolhida sempre cordial e respeitosa do chefe do Departamento de Letras naquela ocasião, professor Dr. Luiz Eduardo Oliveira. Não posso me esquecer, também, do enorme carinho e do estímulo que recebi da professora Cremildes Barbosa Lessa, que lecionava francês e fez parte da banca que me aprovou para ser professor substituto da referida instituição. Gratidão a todos os meus alunos que, hoje, destacam-se e brilham na sala de aula realizando o trabalho pelo qual tanto batalharam. De todo o meu coração, muito obrigado. Tudo começou ali.

Dedico este trabalho à memória de meus avós, Gerolino Moura (“Gero”), Ana Teixeira (“Santinha”) e Manoel Teixeira (“Benzinho”). Onde quer que estejam, hão de estar felizes por mais esta conquista do neto.

Dedico a meus pais, Teotônio e Isabel, e a minha irmã, Juliana, a base para que eu chegasse até aqui. Sem eles, nada teria sido possível.

Dedico, também, a cada colega e aos alunos do Colégio Leonardo da Vinci, ao programa Universidade para Todos (UPT), do Governo da Bahia, em Caetité, e à Escola Municipal Vereador Clemente Ferreira de Castro, do distrito de Brejinho das Ametistas. O brilho no olhar de cada criança e cada adolescente, além do respeito e do carinho com que fui recebido nestas instituições, me fazem acreditar que o ensino deve ser um sacerdócio, porém não isento de lutas por melhores condições de trabalho e salário condigno, e que a minha profissão pode transformar futuros, e, portanto, faz-se indispensável para o progresso do indivíduo e do país. A todos vocês meu agradecido abraço, e desejo boa sorte nas carreiras que escolherão.

Quando, já devidamente qualificado e acertando com a orientadora a data da defesa desta dissertação, perdi minha querida avó, Silvina Moura (“Vina”). Não houve os ritos da despedida, em razão da pandemia da Covid-19. Tentei, com dificuldade, transformar a dor e a tristeza do luto em saudade e coragem, isto é, desejei que sua memória e sua maravilhosa existência me estimulassem a seguir produzindo, de maneira que este trabalho pertence especialmente a ela.

As mudanças na educação dependem, em primeiro lugar, de termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque desse contato saímos enriquecidos.

O educador autêntico é humilde e confiante. Mostra o que sabe e, ao mesmo tempo, está atento ao que não sabe, ao novo. Mostra para o aluno a complexidade do aprender, a nossa ignorância, as nossas dificuldades. Ensina, aprendendo a relativizar, a valorizar a diferença, a aceitar o provisório. Aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses.

(José Manuel Moran)

RESUMO

A presente investigação é um projeto que fui alimentando por alguns anos. Eu gostaria de descobrir como é realizada a prática de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura no município de Caetité. Se ela responde aos anseios e às expectativas dos estudantes para os quais é oferecida. Sabemos que o Estágio é parte imprescindível do processo educacional, inclusive ancorado em uma legislação. Quando atuei, pela primeira vez como professor, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), pude vislumbrar, *in loco*, no decorrer do processo de estágio de meus alunos, êxitos e percalços, alegrias e desapontamentos que questões das mais variadas e complexas – muitas delas que fugiam completamente do controle dos estagiários. Surgiu, a partir dali, uma inquietação: como seria o Estágio Supervisionado em minha cidade natal, Caetité, uma vez que a havia deixado há pouco tempo para ser professor substituto de uma universidade pública de Sergipe? A importância do Estágio Supervisionado se deve ao fato de, para muitos graduandos, ser precisamente naquele momento que ocorrerá sua primeira experiência em sala de aula. Insegurança, medo, preocupação não raro fazem parte dessa primeira atuação. O (a) estagiário (a) deparar-se-á com situações das mais distintas. Compete a ele (ela) solucionar, junto ao professor regente, eventuais barreiras. Ancorado em bibliografias que destacam o processo pedagógico em suas diversas formas e por um trabalho etnográfico foi possível mapear as situações que norteiam a prática de Estágio Supervisionado em Caetité no sentido de descobrir sucessos e fragilidades, que deverá nos conduzir a uma prática de qualidade e exitosa, visando permanentemente o aprendizado e o progresso de nossos alunos. Ressalto, neste amplo referencial teórico, o pensamento de Fazenda (2014), Pimenta e Lima (2012) e Barreiro e Gebran (2006), autores que abordam com propriedade o exercício do Estágio na escola, suas implicações, procedimentos e objetivos. Estas leituras acabaram me conduzindo a outras, de maneira que a percepção da prática de estágio vai se abrindo cada vez mais, trazendo informações, dados e experiências que eu desconhecia até então. Além disso, posto que realizei uma pesquisa etnográfica, foi de grande valia o Estudo de Caso na perspectiva de Minayo (2010) e Yin (2001) para fundamentar a investigação que eu desejava elaborar, no sentido de me preparar para cumprir completa e satisfatoriamente esta pesquisa.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Prática educativa; Formação profissional

ABSTRACT

This investigation is a project that I have been nurturing for some years. I would like to find out how the practice of Supervised Internship in Portuguese Language and Literature is carried out in the municipality of Caetité. If it responds to the longings and expectations of the students it is offered to. We know that the Internship is an essential part of the educational process, even anchored in legislation. When I worked for the first time as a professor at the Federal University of Sergipe (UFS), I could glimpse, in loco, during the internship process of my students, successes and setbacks, joys and disappointments that the most varied and complex issues - many of them that completely escaped the trainees' control. From there, a concern arose: what would the Supervised Internship be like in my hometown, Caetité, since I had recently left it to be a substitute professor at a public university in Sergipe? The importance of the Supervised Internship is due to the fact that, for many undergraduates, it is precisely at that moment that their first experience in the classroom will take place. Insecurity, fear, and worry are often part of this first performance. The intern will face the most different situations. It is up to him (her) to solve, together with the regent teacher, any barriers. Anchored in bibliographies that highlight the pedagogical process in its various forms and through an ethnographic work, it was possible to map the situations that guide the practice of Supervised Internship in Caetité in order to discover successes and weaknesses, which should lead us to a quality and successful practice, permanently aiming at the learning and progress of our students. In this broad theoretical framework, I emphasize the thoughts of Fazenda (2014), Pimenta and Lima (2012) and Barreiro and Gebran (2006), authors who properly address the practice of internship at school, its implications, procedures, and objectives. These readings ended up leading me to other ones, so that the perception of internship practice is opening up more and more, bringing information, data, and experiences that I was unaware of until then. In addition, since I carried out an ethnographic research, the Case Study from the perspective of Minayo (2010) and Yin (2001) was of great value to support the investigation I wanted to carry out, in order to prepare myself to fully and satisfactorily complete this search.

Keywords: Supervised Internship; Educational practice; Professional qualification

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. O ESTÁGIO ENQUANTO EXPERIÊNCIA AFETIVA E PROFISSIONAL PARA O DOCENTE E O DISCENTE.....	11
2. HISTORICIZANDO A PRÁTICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA NECESSIDADE.....	15
2.1 O Estágio Supervisionado como prática tradicional na Educação	15
2.2 O Estágio Supervisionado no município de Caetité e a relevância de seu ensino para o Sertão baiano	16
3. A RELEVÂNCIA DO CONCEITO DO PROFESSOR REFLEXIVO.....	19
3.1 Da definição, classificação e relações de estágio	22
4. METODOLOGIA.....	38
5. ANÁLISE DE DADOS.....	41
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
TEXTO-SÍNTESE SOBRE O PRODUTO EDUCACIONAL	53
REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICES	62
APÊNDICE A – ENTREVISTA E PERFIL DA PROFESSORA DRA. APARECIDA DE FÁTIMA BRASILEIRO, REGENTE À DISCIPLINA ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CAMPUS VI - CAETITÉ.....	62
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA AS ESTAGIÁRIAS QUE ATUARAM NA PRÁTICA DE ESTÁGIO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA ORIUNDOS DA UNEB - CAMPUS VI, NO MUNICÍPIO DE CAETITÉ.....	67
ANEXOS	68
ANEXO 1 – FOTOGRAFIA DA TURMA DE FORMANDOS DA PROFESSORA JANDIRA AGUIAR.....	68
ANEXO 2 – FOTOGRAFIA DA PROFESSORA JANDIRA AGUIAR LÉDO	69
ANEXO 3 - RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS DAS ESTAGIÁRIAS.....	70

INTRODUÇÃO

O processo da escrita e da observação de um fenômeno é longo, difícil, marcado por percalços e obstáculos inesperados. A dissertação é pautada, principalmente, por uma pesquisa rigorosa, leituras das mais diversas e ancorada em um referencial bibliográfico produtivo, de qualidade, que permite lançar luzes sobre a pesquisa. Considero o ponto de partida adequado fundamental para se chegar ao fim do trabalho de modo satisfatório, na medida em que me proporcione respostas que eu desejava conhecer tão logo decidi concorrer à seleção do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), ofertado pela Universidade onde me graduei, a UNEB, *Campus VI – Caetité*.

Infelizmente, devido à pandemia da Covid-19, algumas entrevistas e questionários tiveram de ser feitos de maneira remota. O acompanhamento com a orientadora e a socialização com os colegas ocorreram parte presencialmente, antes da pandemia, e também através das plataformas digitais quando as aulas foram suspensas no espaço físico da universidade. Não seria possível visitar as escolas e acompanhar as aulas dos estagiários presencialmente, ainda que eu quisesse, porque as estagiárias ouvidas nesta pesquisa também realizaram o Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa de forma remota. De qualquer maneira, consegui coletar uma quantidade satisfatória de informações que contemplaram a minha inquietação.

A pandemia do novo Coronavírus obrigou a população a alterar drasticamente sua rotina. As escolas, espaço de convívio e interação, acompanharam esta adaptação. Como a pandemia só é amenizada e, conseqüentemente, eliminada mediante isolamento social e vacinação em massa da população, as salas de aula foram fechadas. Somente após agosto de 2021 ensaiou-se um retorno gradual às dependências escolares, o que se conhece como “modelo híbrido”, onde parte dos alunos fica em casa e outra assiste às aulas presencialmente, claro que com todos os procedimentos exigidos pelas autoridades sanitárias, como uso de máscaras, medição de temperatura e carteiras distantes umas das outras. O retorno definitivo torna-se ainda inviável porque há que se considerar que os adolescentes, há pouco, começaram a ser vacinados em nosso município. Os estagiários que participaram desta investigação ressaltaram o fato de seu trabalho ter sido realizado pelo modelo remoto, mediante chamadas de vídeo.

Para além da pandemia da Covid -19, devido às novas ferramentas tecnológicas que já fazem parte da rotina dos alunos, entendo que esses recursos deixam as aulas mais dinâmicas e atraentes, sendo não um substituto, mas um complemento aos tradicionais pincel e lousa. Há que se ter, portanto, um olhar atento a essas tecnologias que oferecem meios úteis na aprendizagem, uma vez que podemos observar, na vida cotidiana, que nossos alunos – adolescentes, em sua maioria – manejam bem aparelhos celulares, aplicativos, jogos etc. Essa interação aliada ao ensino pode trazer resultados significativos no processo de formação do educando.

Em relação à temática das novas tecnologias aliadas à mediação pedagógica, trago o pensamento de Moran:

Na sociedade atual, em virtude da rapidez com que temos que enfrentar situações diferentes a cada momento, cada vez utilizamos mais o processamento multimídico. Por sua vez, os meios de comunicação, principalmente a televisão, utilizam a narrativa com várias linguagens superpostas, que nos acostuma, desde pequenos, a valorizar essa forma de lidar com a informação, atraente, rápida, sintética, o que traz consequências para a capacidade de compreender temas mais abstratos de longa duração e de menos envolvimento sensorial. [...] É uma comunicação poderosa, como nunca antes tivemos, e as novas tecnologias de multimídia e realidade virtual só estão tornando esse processo muito mais exacerbado, explorando-o até limites inimagináveis. [...] A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações (MORAN, 2001, p. 20,35).

Ainda analisando Moran, ele concedeu uma entrevista, na qual destacou:

Estamos superando a visão só negativa de proibir o acesso às tecnologias digitais, de ficar só na defensiva e avançamos lentamente nas formas de compartilhamento, na incorporação de plataformas mais inteligentes. [...] O que faz a diferença não são os aplicativos, mas estarem nas mãos de educadores, gestores (e estudantes) com uma mente aberta e criativa, capaz de encantar, de fazer sonhar, de inspirar. Professores interessantes desenham atividades interessantes, gravam vídeos atraentes. Professores afetivos conseguem comunicar-se de forma acolhedora com seus estudantes através de qualquer aplicativo, plataforma ou rede social (MORAN, 2019).

Os aparatos tecnológicos norteadores do ensino fundamentam a pesquisa de Navarro, que escreve:

Se concebemos a educação como uma forma de tecnologia social, cabe dizer que a existência de um entorno virtual ou terceiro entorno, em princípio, unicamente amplia o potencial da educação como tecnologia social. Esta afirmação necessita de dois esclarecimentos: de uma parte, é necessário afirmar que cabe entender por tecnologia e, de outra, que definição de terceiro entorno se mantém para que, em resultado, se possa chegar a sustentar uma concepção da educação como tecnologia social em que se poderia fazer uso pedagógico da existência do terceiro entorno. De alguma maneira, este é um dos grandes desafios do sistema educativo, a saber: assumir a tecnologia como uma realidade gestada através do sistema simbólico da cultura em seu conjunto, abandonando a concepção utilitarista da tecnologia como mero instrumento (NAVARRO, 2009, p. 142).

Esta dissertação, portanto, é resultado da pesquisa-ação no contexto do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa no município de Caetité, Bahia. Para tanto, houve a necessidade de estarmos lastreados por um referencial teórico consistente, que abalizou nossa pesquisa, além de iluminar e explicar o fenômeno da prática docente com propriedade.

1. O ESTÁGIO ENQUANTO EXPERIÊNCIA AFETIVA E PROFISSIONAL PARA O DOCENTE E O DISCENTE

Abordo minha experiência. Assim que concluí a Graduação em Letras pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB (*Campus VI – Caetité*), fui aprovado na seleção para Professor Substituto da UFS – Universidade Federal de Sergipe (*Campus São Cristóvão*), onde trabalhei por dois anos no Departamento de Letras da referida instituição, ministrando aulas de Estágio Supervisionado I e II.

O contato com os discentes estreitou-se. Com eles, trabalhei metodologias que eu havia experimentado na UNEB, busquei fundamentar a disciplina com uma teoria densa, mas com linguagem clara e acessível, para que pudesse auxiliá-los no desenvolvimento do Estágio Supervisionado e, ao final, lograssem êxito na profissão escolhida. Algumas dificuldades encontradas pelos estagiários me foram relatadas nos trabalhos escritos, as quais abordarei logo adiante.

É importante salientar que a maioria dos estagiários não atuava em sala de aula naquele momento, e outros tantos jamais haviam ministrado uma aula, trabalhando em outros segmentos que não o da Educação. Tive alunos que eram policiais, enfermeiros, pequenos empresários,

funcionários públicos, entre outras profissões. Alguns, mais jovens, ainda não atuavam no mercado de trabalho, embora desejassem seguir a carreira docente. Penso que a realidade apresentada pelos estudantes da UFS seja semelhante àquela vivida pelos estagiários da UNEB-*Campus VI*.

Um profissional da Educação, entendo, para realizar um bom trabalho em sala de aula necessita de conhecimento prévio da realidade escolar (e suas complexidades) e da comunidade onde irá atuar, assim como de suas necessidades, pois a relação entre comunidade e escola é deveras importante para o desenvolvimento do estudante no estágio e posterior êxito em sua prática docente. É necessário, portanto, que os estagiários se confrontem com problemas cotidianos em sala de aula e vislumbrem os desafios impostos pela rotina escolar e que serão problematizados nesta dissertação.

As dificuldades que os estagiários de Sergipe relataram, tais como: relacionar teoria com a prática, muitos sem perspectivas, salas superlotadas e pouco ventiladas, planos de aula que não eram recebidos com entusiasmo porque não inovavam, indisciplina, entre outros problemas, levaram-me, há algum tempo, a refletir sobre a questão.

Os estagiários, naturalmente preocupados e inseguros, porque para a maioria aquela era a primeira experiência docente, quase nunca encontravam um ambiente favorável para desenvolver o Estágio. Acrescente-se a isso o fato de algumas escolas estarem localizadas em bairros carentes, onde a violência e a insegurança eram frequentes.

A experiência vivenciada em Sergipe levou-me a refletir se esses entraves e problemas também se repetem em nosso Estado, em particular na universidade estadual situada em nosso município, Caetité, a UNEB – Universidade do Estado da Bahia. Inúmeros poderão ser os obstáculos e desafios, e interessa-me investigar e problematizar a realidade dos estagiários de Língua Portuguesa no *Campus VI* e seu desdobramento nas escolas conveniadas com o Departamento de Ciências Humanas de Caetité.

Instigado por esta reflexão, elaborei a questão-problema desta pesquisa: Como preparar os estagiários do Curso de Letras, *Campus VI*, Caetité-BA, considerando os problemas enfrentados e que, muitas vezes, dificultam o êxito da atividade do Estágio Supervisionado de

modo a lhes dar a segurança necessária que o exercício do magistério exige? Pereira e Vilela (2013) argumentam que:

O Estágio como espaço de formação, de pesquisa, ensino e extensão constitui-se também como espaço de pensar e refletir nossas práticas pedagógicas que estão presentes nos formatos, espaços e práticas de letramento, ensino de Línguas e Literaturas no âmbito da sala de aula (PEREIRA; VILELA, 2013, p. 23).

Como professor orientador de estágio que fui, constantemente desafio-me a pensar a qualidade de minha prática docente e de orientação de estágio, principalmente considerando que estamos formando futuros profissionais da Educação e sendo um curso de licenciatura, pressupõe-se que o formando, ao concluir o curso, esteja seguro e preparado para o ensino das disciplinas Língua Portuguesa e Literaturas. Mas será que é assim mesmo que funciona? A reflexão tornou-se uma constante nos meus estudos e pesquisas. E outras perguntas se juntaram à questão principal: Quais as dificuldades encontradas por nossos estagiários? O que dificulta a prática do estágio com qualidade? O que vem prejudicando, ou não, o bom desempenho dos estagiários? Como fazer com que o Estágio Supervisionado seja rico e atraente? Como transformar a prática docente em uma atividade prazerosa? Estas e outras perguntas precisam de respostas e foi ao encalço delas que esta pesquisa me conduziu, subsidiado por teorias relevantes ao processo, para que, com este suporte, pudesse criar estratégias de solução para os problemas encontrados.

Para esclarecer estes questionamentos, foi traçado o seguinte Objetivo Geral:

- Compreender quais os entraves enfrentados pelos estagiários do Curso de Letras Vernáculas, do DCH-Campus VI, UNEB, com o propósito de criar meios e materiais didático-pedagógicos para vivências práticas nas quais os estudantes possam se preparar melhor para o Estágio Supervisionado.

E para atingir o objetivo geral, definimos como objetivos específicos:

- Conhecer a realidade dos estagiários, levantando informações sobre dificuldades, problemas e obstáculos por eles enfrentados;

- Conhecer a realidade do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literatura no município de Caetité, executado pelos discentes da UNEB – Universidade do Estado da Bahia – *Campus VI*.
- Reconhecer os problemas de ordem pedagógica enfrentados pelos estagiários;
- Confeccionar material didático-pedagógico com a participação de estagiários e docentes.

Suponho que, se na prática há situações que impõem limites à boa realização de estágio, penso que um estágio bem planejado e bem executado possa ser uma experiência relevante para os concluintes do Curso de Letras e, quiçá, possa também estender-se a outras licenciaturas e outras universidades.

Esta pesquisa parte de minha trajetória acadêmica. Fui estagiário da referida universidade na Graduação e professor de Estágio Supervisionado no Departamento de Letras da UFS – Universidade Federal de Sergipe durante dois anos.

Serão destacadas as bibliografias consultadas, a Pesquisa de Campo, a legislação que pauta o exercício de estágio e, como último ponto, esta dissertação apresenta, também, um Produto Educacional de maneira detalhada. É o fruto da pesquisa que deve extrapolar os muros da universidade e ser útil à comunidade acadêmica para outros profissionais que tenham interesse pelo tema do Estágio Supervisionado.

Vale destacar que, embora o Produto seja resultado do estudo do estágio em Língua Portuguesa, ele poderá ser importante para graduandos ou candidatos aos programas de Pós-Graduação que queiram investigar a temática do Estágio Supervisionado em outras disciplinas, pois compreendo que questões estruturais, espaço para a regência, dúvidas, inquietações, sucessos, dificuldades e superações podem surgir na prática de estágio em qualquer disciplina, e não apenas em Língua Portuguesa e Literatura.

2. HISTORICIZANDO A PRÁTICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA NECESSIDADE

2.1 O Estágio Supervisionado como prática tradicional na Educação

A execução do Estágio Supervisionado no Brasil remonta há algumas décadas. Consta que desde os anos 40 do século passado buscava-se regulamentar o Estágio Supervisionado no País. A disciplina já aparece através dos seguintes decretos e portarias: Decreto-Lei nº 4.073/42, a Portaria nº 1.002/67 do Ministério do Trabalho, o Decreto nº 66.546/70, o Decreto nº 75.778/75, a Lei nº 6.494/77 e o Decreto nº 87.497/82. Segundo informa Colombo e Ballão:

Em 1942, o Decreto-Lei nº 4.073 instituiu a Lei Orgânica do Ensino Industrial, estabelecendo as bases de organização e de regime do ensino industrial (equivalente ao secundário). Nesta Lei, o estágio foi definido como “um período de trabalho” realizado pelo estudante em alguma indústria, sob o controle de um docente. Embora houvesse a previsão da superintendência de um professor sobre as atividades realizadas, o estágio não cumpria seu papel no processo educativo por se aproximar muito de uma forma de se obter mão de obra de baixo custo, visto que não previa formalização entre a escola e a empresa, considerando esta atividade mero trabalho (COLOMBO; BALLÃO, 2014, p. 174).

No âmbito da universidade, a prática do Estágio Supervisionado só seria reconhecida no ano de 1967, no governo do Marechal Costa e Silva, através da Portaria nº 1.002, datada de 29 de setembro daquele ano. Prosseguem os autores supracitados:

Nesta norma foi definida a importância do estágio para o aperfeiçoamento do ensino, criando condições favoráveis ao entrosamento entre a escola e a empresa. Determinou ainda que o estágio deveria ser firmado em um contrato contendo duração, carga horária, valor da bolsa e o seguro contra acidentes pessoais. Estabeleceu que não haveria vinculação empregatícia, encargos sociais, pagamento de férias ou de 13º salário (COLOMBO; BALLÃO, 2014, p. 174).

Podemos observar que, quando se compara esta lei da década de 60 com a mais recente, do ano de 2008, que será apresentada mais adiante, algumas diretrizes permanecem, como o não-pagamento de direitos trabalhistas e o não-vínculo empregatício, aceitando-se a concessão de uma bolsa, quando muito.

É válido destacar, também, que as resoluções que pautaram o ensino no Brasil desdobraram-se em várias diretrizes. Resoluções e diretrizes estas que precisam ser permanentemente debatidas com os profissionais da Educação, visando a seu aprimoramento.

Faz-se necessário mencionar o Endipe – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino no contexto da Andipe, que vem a ser a Associação Nacional de Didática e Práticas de Ensino. O Endipe é um congresso onde participam docentes, discentes, gestores escolares e pesquisadores, ocorrendo a cada dois anos, e com o propósito de pautar obstáculos e problemáticas concernentes ao ensino no País.

O primeiro encontro ocorreu no ano de 1982, na Pontifícia Universidade Católica (PUC), no Rio de Janeiro. A edição mais recente do evento ocorreu também no Rio, em 2020, chegando à sua vigésima edição. Os encontros estão disponíveis na rede Youtube, no Canal do Endipe. O evento joga luzes na prática docente realizada no Brasil com propositivas necessárias visando seu aprimoramento.

2.2 O Estágio Supervisionado no município de Caetité e a relevância de seu ensino para o Sertão baiano

Caetité, ao longo de sua história, sempre se destacou em âmbito regional como “O Berço da Educação”. O município ganhou repercussão nacional ao ser citado por João Guimarães Rosa, mestre em desvendar segredos das regiões sertanejas, em *A Hora e a Vez de Augusto Matraga* (conto que consta da seleção *Sagarana*). O ensino desta cidade era (e é) uma referência. Não foi por acaso que os professores da antiga Escola Normal de Caetité gozavam de imenso prestígio junto à comunidade sertaneja – tradição que se seguiu no Instituto de Educação Anísio Teixeira, ainda em funcionamento. Seus profissionais eram, igualmente, valorizados e reconhecidos.

A tradição educacional de Caetité se pautou, portanto, pela excelência de seu ensino e de seus profissionais – e, vale ressaltar, ensino público.

O senso comum atribui, muitas vezes, a qualidade de um serviço na medida em que pode pagar por ele. Na tradição escolar de Caetité, essa ideia não se aplica porque não passa de um sofisma, o qual afirma que “se o ensino é público, não é bom”.

A tradição de nosso ensino – que rompeu as fronteiras do sertão – encontrou na figura do professor Anísio Spínola Teixeira o seu eco. Anísio atendeu ao chamado da educação. Para contemplar os filhos dos trabalhadores na “máquina que prepara as democracias”, ele fez da

urgência de uma escola nova seus cavalos de batalha. De família financeiramente estruturada e influente no aspecto político, no dizer de Jorge Amado, Anísio *“foi o brasileiro que mais pensou no próximo do que em si mesmo e nunca conheceu descanso”*. O intelectual nascido em Caetité, na aurora do século XX (ano de 1900), viajou, estudou e divulgou ideias consideradas revolucionárias e audaciosas porque era para o povo que elas se dirigiam, ou seja, a democratização efetiva do ensino, para o pleno exercício da cidadania, da escola completa, de alta qualidade, e que culminasse no progresso social; posto que seu ideal era de que o Estado fosse responsável pela estrutura e manutenção escolar do país, valeu a Anísio, por um lado, admiração de autores, amigos e intelectuais; do outro, críticas vindas da Igreja (que não via com bons olhos a laicidade da Educação) e do Governo – ataques e perseguições que culminariam no Golpe Civil-Militar de 31 de março de 1964.

Dona Jandira Aguiar Lédo viveu aquele período. Ela é uma senhora tranquila e serena que mora em Caetité e tem 85 anos de idade. Dona Jandira personifica a tradição e o ensino público no Sertão baiano e diz, orgulhosa, dos trinta anos dedicados à sala de aula, tendo iniciado sua carreira como professora concursada em 1954, cuja habilitação era para o Ensino Fundamental. Inicialmente, atuou na zona rural de Caetité, na localidade de Juazeiro, pertencente ao distrito de Maniaçu, em seguida sendo transferida para a sede do município, onde lecionou na Escola Waldir Cardozo. Ela se recorda da dificuldade de acesso e de material daquela época, em que, na zona rural, *“tinha de segurar na mão do aluno com o lápis”*. Dona Jandira nasceu na Lagoa de São Timóteo, pertencente ao município de Livramento de Nossa Senhora, no ano de 1935. Formou-se em Magistério pela antiga Escola Normal de Caetité, em 1953. De acordo com ela, a turma da qual fez parte foi a última do prédio onde hoje se localiza a Câmara de Vereadores de Caetité, anexo à Escola Ovídeo Teixeira, ainda em funcionamento. Foi precisamente nesta instituição que Dona Jandira exerceu a função de diretora designada, na qual permaneceu por dez anos. A profissional aposentou-se em 1984.

A professora recorda-se de que o Estágio Supervisionado já se fazia presente em seus anos de formação. Ela estagiou no Grupo Escolar Monsenhor Bastos, em 1953. Enquanto professora, e já em Caetité, recebeu estagiárias nas duas turmas em que então lecionava, 3ª. e 4ª. séries primárias. Segundo ela, não havia uma disciplina específica para se estagiar. O estagiário trabalhava com todos os conteúdos da grade, incluindo, naturalmente, a Língua Portuguesa. Vale ressaltar que naquela época não havia universidade em Caetité nem havia a exigência do concurso em Ensino Superior.

A professora Valdeci Bastos igualmente contribuiu para a Educação no município de Caetité por trinta e cinco anos, dividindo-se entre a Escola de Aplicação (ensino primário) e o Instituto de Educação Anísio Teixeira (ensino secundário). Foi importante ouvir a professora Valdeci por várias razões, das quais destaco duas: ela foi minha professora no IEAT no ano de 1998 e, além disso, sempre lecionou Língua Portuguesa. A referida professora mostrou-se bastante receptiva à minha solicitação.

Dona Valdeci, como é carinhosamente chamada, hoje aposentada, recorda-se de que estagiou em Caetité, na Escola Ovídeo Teixeira, cuja professora regente se chamava Maria Moura, carinhosamente conhecida como “Professora Rica”. Dona Valdeci destaca que toda a família Moura era referência para o Magistério daquela época, considerando a oportunidade de estagiar na sala de Dona Maria um privilégio para quem desejava seguir a carreira docente.

Dona Valdeci diz que eram duas alunas que estagiavam juntas, sempre sob a supervisão da professora Maria Moura. Comenta de seu enorme entusiasmo no estágio e, semelhantemente a Dona Jandira, ela estagiava não apenas Português, mas disciplinas variadas. Ela diz que o professor precisa “ver na prática” o que é ensinar, caso queira ser um profissional. O estágio, para ela, além de necessário, foi prazeroso, do qual ela guarda saudades e fala com carinho, mesmo transcorridos vários anos. No momento do estágio, Dona Valdeci teve a convicção de que seu destino estava ligado à Educação, sentindo-se motivada e determinada. Na época em que efetivamente lecionou, ela recebeu, durante muito tempo, vários estagiários da UNEB – *Campus VI*. O período ao qual Dona Valdeci se refere, desde que era estagiária, remonta à década de 70.

Chamou-me bastante atenção o fato de o depoimento da professora Jandira Aguiar Léo estar perfeitamente de acordo com os dados anteriormente citados no que diz respeito à implementação do estágio no País. Reiterando a observação de Collombo e Balão (2014), começa-se a pensar a prática de Estágio nos anos 40 do século passado. Portanto, é coerente que na década de 50, quando a professora Jandira estagiou, e nas décadas seguintes, quando recebeu estagiárias em sua sala, a prática já fizesse parte do currículo.

O período ao qual a professora Valdeci alude coincide com a primeira legislação do Estágio, publicada na época da ditadura militar.

A Educação caetiteense possuindo, portanto, essa fama que até os dias de hoje perdura, vejo como natural o fato de a prática de Estágio Supervisionado em Português sempre ter estado presente em nossa sala de aula.

Se partimos da ideia de que a Educação de Caetité – “pequenina e ilustre”, nas palavras da professora e historiadora Helena Lima Santos (1997) – era uma referência, não poderia de modo algum o Estágio Supervisionado não constar do currículo, uma vez que deveria ser igualmente executado para que a tradição e o sucesso da Educação local não se extinguissem e também pudessem perdurar.

Caetité, cidade-símbolo da cultura e do ensino do Sertão, não iria querer perder este bonito reconhecimento. Portanto, fez-se necessária uma investigação a respeito do Estágio realizado na cidade há algumas décadas por profissionais de renome no ensino local, para que eu pudesse confirmar essas informações.

3. A RELEVÂNCIA DO CONCEITO DO PROFESSOR REFLEXIVO

A rigor, todo ser humano reflete. Refletimos sobre os diversos aspectos da nossa vida. Refletimos para agir e tomar as melhores decisões. Refletimos para tomar consciência de nossos direitos e dos espaços a ocupar. Refletimos para compreender as noções de abuso, autoritarismo e obstáculos que nos são impostos. Ao professor especialmente, portanto, não pode faltar a consciência crítica que perpassa seu trabalho, no que se refere ao conceito da reflexividade em sala de aula. Segundo pontua Fogaça:

A reflexão na ação se dá quando o professor reflete, colocando para si as questões do cotidiano como situações problemáticas e faz isso ao mesmo tempo em que está vivenciando esta situação. No entanto, quando se faz esta reflexão após a ação, é a chamada reflexão sobre a ação; esta tem caráter retrospectivo. Por fim, no momento em que o profissional, em um processo mais elaborado, procura compreender a ação, interpretando-a e tem condições de criar outra alternativa para aquela situação, na realidade ele está realizando o processo de reflexão sobre a reflexão na ação (FOGAÇA, s/d).

Pimenta aborda um aspecto fundamental do professor reflexivo. Ele traz em seu bojo a ideia de que essa reflexão passa necessariamente pela democratização do ensino e efetiva participação de discentes e docentes. A autora faz um contraponto de como deve ser o professor reflexivo hoje com a realidade observada na época da ditadura no Brasil, na segunda metade do século passado, quando a educação era realizada de maneira tecnicista – sem espaço, portanto, para a reflexão, mas como algo estanque, numa perspectiva de domínio e controle:

Do ponto de vista conceitual, as questões levantadas em torno e a partir do *professor reflexivo* investido na valorização e no desenvolvimento dos saberes dos professores e na consideração destes como sujeitos e intelectuais, capazes de produzir conhecimento, de participar de decisões e da gestão da escola e dos sistemas, trazem perspectivas para a re-invenção da escola democrática. O que é o contraposto da concepção de professores na racionalidade técnica, característica dos anos 1970, que resultou em controle cada vez mais burocrático do trabalho destes, evidenciando uma política ineficaz para a democratização do ensino, sem resolver a exclusão social no processo de escolarização (PIMENTA, 2006, p. 38).

Considero importante mencionar a relevância da categoria professor reflexivo, discutida por Schön (1983) para fundamentar esta pesquisa, mesmo que o objeto de análise do estudioso nunca tenha sido os professores, houve uma correspondência tão grande entre suas sugestões e a expectativa dos formadores de futuros professores, que serviu de fundamento para se pensar a formação de professores, constituindo-se um paradigma no campo educacional brasileiro. Conforme Pimenta (2010), tal receptividade deveu-se, sobretudo, à perspectiva de formação formulada por Schön (1983) que valorizava os saberes profissionais e se apresentava como alternativa à racionalidade técnica.

Podemos entender como professor reflexivo, aquele que não atua com definições prévias, acabadas, definitivas, lançando mão de uma espécie de “manual de instruções” em sua sala, mas sim aquele que, diuturnamente, está questionando sua prática, autoavaliando-se, observando sua relação com os discentes e colegas, enxergando nos conhecimentos algo problemático e complexo, cujas soluções prontas não existem. O professor reflexivo, portanto, trabalha com hipóteses que podem ser experimentadas. Destarte, ele terá maior possibilidade de obter mais sucesso no exercício da docência e no envolvimento com seus alunos. Faz-se necessário compreender que os novos saberes são gerados através do diálogo e do confronto; assim, a aprendizagem será mais significativa, coletiva e, portanto, democrática.

O conceito de professor reflexivo parte dos estudos nos quais Schön tornou evidente que a prática dos profissionais, ligados a diferentes áreas, soma os conhecimentos tácitos, que possibilitam o enfrentamento de situações rotineiras, com um componente reflexivo, que possibilita a solução de problemas outros, com os quais não tinham se deparado antes, ampliando, destarte, o repertório de soluções que, uma vez repensado e descrito verbalmente, pode caracterizar uma teoria. A proposição do teórico é uma “formação tutorada e uma aprendizagem na ação para formar profissionais reflexivos”, resultando numa aprendizagem do “fazer-fazendo” mediada pelo diálogo entre o estudante e seu tutor (CAMPOS; PESSOA, 1998, p. 194). Essas sugestões propositivas foram deslocadas para servir de embasamento à formação de “professores como profissionais reflexivos” (SCHÖN, 1992).

Vale ressaltar que a defesa da importância da prática não exclui o saber docente – pelo contrário, a formação docente sem a teoria é rasa, sendo assim é importante, também, a prática estar nutrida pelas teorias da educação. Segundo Pimenta e Ghedin (2006)

[...] a teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais (PIMENTA; GHEDIN, 2006, p. 24).

Outro conceito importante é o da reflexividade quando se discute a teoria e a prática docente, pois é a capacidade de “voltar sobre si mesmo” para refletir; “sobre as construções sociais”, para dialogar; sobre “as intenções”, para estabelecer objetivos e pensar sobre as “representações e estratégias de intervenção”, para mudar o resultado das coisas, gerando resultados profícuos. Ainda na perspectiva de Pimenta e Ghedin (2006):

[...] a inevitabilidade de utilizar o conhecimento à medida que vai sendo produzido, para enriquecer e modificar não somente a realidade e suas representações, mas também as próprias intenções e o próprio processo de conhecer (PIMENTA; GHEDIN, 2006, p. 56).

Entendo que, na perspectiva de Pimenta e Ghedin, o profissional da Educação deve estar permanentemente aberto ao novo, a descobertas, a conhecer o máximo possível informações, a dialogar, para que a práxis possa ocorrer de modo satisfatório e pleno.

A seguir, apresento a metodologia utilizada nesta pesquisa, trabalho realizado junto aos professores e estagiários.

3.1 Da definição, classificação e relações de estágio

Ao longo dos tempos, ampliou-se o debate a respeito da prática de Estágio Supervisionado no âmbito da legislação brasileira. Durante o século passado essa reflexão foi colocada pelos atores da educação e o estágio foi normatizado.

Vale ressaltar a existência da Lei do Estágio Supervisionado, Lei nº 11.788, a mais recente, sancionada em 25 de setembro de 2008, pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, sob a gestão do então ministro da Educação, Fernando Haddad. A lei abarca 22 artigos, dos quais, nesta pesquisa, resalto o primeiro:

Art. 1º – Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando.

§ 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho. (BRASIL, 2008)

Entendo que os cidadãos são pautados por prerrogativas legais. É preciso que as autoridades escrevam em forma de lei garantias, deveres e direitos para que eles possam ser observados. Por outro lado, não raro, ao menos no Brasil, cumprir as leis também se caracteriza uma dificuldade, pois, infelizmente, são de nossa tradição o “jeitinho brasileiro” e a “lei de Gérson” – uma referência ao jogador de futebol que se notabilizou por uma propaganda de cigarros na década de 70 – que é a de “levar vantagem em tudo”, no sentido de se driblar obrigações. Por exemplo: os condutores de automóveis sabem que têm de estar com a carteira de habilitação em dia; quando isso não é possível, o motorista prefere se arriscar e, uma vez abordado, tenta subornar o guarda. No que diz respeito à prática de Estágio, a legislação é clara no sentido de os professores e alunos entenderem que se trata de uma atividade já apreciada e, portanto, absolutamente fundamental ao processo educacional. A lei que rege o estágio vem ratificar que sua prática é obrigatória no currículo (ela diz que há a possibilidade de o estágio

ser não-obrigatório, mas apenas em alguns casos, por exemplo, se o graduando já estiver na sala de aula como professor regular; de toda forma, ao fim do período estipulado pelo professor orientador, ele deverá apresentar relatório narrando sua experiência e seus planejamentos) e que, portanto, precisa ser elaborada e cumprida pelos atores que compõem o processo educacional: alunos, professores, escolas, comunidade etc.

O exercício do Estágio, além de uma obrigação a se cumprir no currículo, vem abraçar a qualificação da educação no sentido de propor dinâmicas variadas, aulas produtivas, aperfeiçoar didáticas, abraçar bibliografias e livros escolares, inclusive contestá-los, caso não estejam irmanados às necessidades daqueles alunos, e estimular a criatividade em sala de aula.

São algumas prerrogativas da Lei nº 11.788/2008: o estágio é destinado à educação de jovens e adultos; não caracteriza vínculo empregatício e previdenciário, sendo um pré-requisito para obtenção do diploma; é permitido ao estudante estrangeiro o acesso ao estágio, desde que devidamente matriculado na instituição superior reconhecida; deve ser celebrado um Termo de Compromisso entre o educando, a universidade na qual está inserido e a escola que o receberá; poderá ser concedida uma bolsa ao estagiário, mas é vetada qualquer cobrança de taxa ou inscrição para a prática de estágio; e não pode exceder o prazo de dois anos – salvo se se tratar de estagiário portador de necessidades especiais.

Vale ressaltar que, partindo-se do pressuposto de que o estagiário será um profissional da Educação futuramente, a prática é a primeira experiência para sua atuação profissional. O Estágio visa a qualificar o educador preparando-o para o mercado de trabalho. Daí a importância de ser feito com zelo e segurança.

Prosseguindo este capítulo, trago à baila uma obra que despertou minha curiosidade por elencar diversos artigos que contemplam a prática moderna do Estágio Supervisionado. A obra se intitula *A Prática do Ensino e o Estágio Supervisionado*. É coordenada por Stela C. B. Piconez e conta com a colaboração de Ivani Catarina Fazenda, Maria Luisa S. Ribeiro, Nélio Marco Bizzo, Nídia Nacib Pontuschka, Rosa Kulcsar, Vani Moreira Kenski e Yara Boulos. O livro faz parte da Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico, cuja coordenadora é a professora Ilma Passos Alencastro Veiga. A edição que consultei já está na 5ª reimpressão da 24ª edição do ano de 2014 e foi publicada pela Editora Papirus, de Campinas, São Paulo.

Foi importante ressaltar esta obra pela relevância dos textos e porque eles dialogam com profundidade e clareza no tocante à prática efetiva do estágio, cada um, a seu modo, destacando a necessidade do preparo docente e da prática atuante que corresponda às necessidades do educando.

Vou me deter em dois capítulos que considere bastante pertinentes ao que eu pretendo desenvolver: o primeiro, “O Papel do Estágio nos Cursos de Formação de Professores”, de Fazenda (2014), e o outro é “O Estágio Supervisionado como Atividade Integradora”, da professora Kulcsar (2014). O ponto de vista e a perspectiva das autoras coincide com minha experiência como professor de Estágio Supervisionado e, por isso, pretendo levantar algumas considerações a respeito.

Kulcsar (2014) começa seu artigo enfatizando a quase ausência de uma infraestrutura adequada ao estágio e levanta a ideia da teoria aliada à prática para que, assim, resulte satisfatória. Ela observa que a universidade parece não conseguir formar um profissional competente, além de mencionar que o estágio, embora disciplina obrigatória no currículo, não seja devidamente explorado. Ela comenta que na escola não se pode reproduzir as desigualdades sociais que verificamos, que o professor precisa rever sua prática e acrescenta que o Estágio Supervisionado deve estar articulado – e não distante – da própria realidade.

Nesta linha de raciocínio, penso que a prática do estágio não deve apenas constar da grade para a obtenção de uma nota para que o estagiário alcance, finalmente, seu diploma ao fim do curso, sendo realizado de qualquer maneira. A prática do estágio é uma experiência necessária, sem dúvida, mas também séria, humana, interativa, e deve somar, no sentido de chamar a atenção, na prática, de maneira crítica e contextualizada, das injustiças e das desigualdades que, infelizmente, pautam nossa sociedade, no sentido de colaborar para uma interação mais consciente do aluno em seu próprio meio, preparando-o para a sua libertação e também para a vida digna no trabalho. Ressalta Kulcsar (2014):

A proposta está vinculada à ideia de um estágio voltado para o atendimento à comunidade, o qual deverá proporcionar o engajamento do estagiário na realidade, para que possa perceber os desafios que a carreira do magistério lhe oferecerá e possa, assim, refletir maduramente sobre a profissão que vai assumir. Esse envolvimento, em situações reais vividas, visará primordialmente à integração do saber com o fazer (KULSCAR, 2014, p. 58).

A autora destaca que o estágio não pode ser encarado como uma tarefa burocrática, muitas vezes “desvalorizado nas escolas onde os estagiários buscam espaço” (KULSCAR, 2014, p. 65). Deve ser dinâmica, produtora, e com possibilidades de abertura para mudanças.

Que vantagem teria o Estágio Supervisionado nas nossas escolas se, ao final, não acrescentasse nada de novo? Se não inculcasse nos alunos a consciência crítica, política, que o encoraja e o engaja para a cidadania? De que serviria? Destituído desses propósitos, penso que não valeria a pena o sacrifício de professores e estagiários se perdêssemos de vista sua capital importância para nossos alunos.

A estudiosa ressalta que, na sua experiência no estágio realizado no 2º Grau - Prática de Ensino e Ciências Sociais da PUC-SP, deparou-se logo com uma problemática. Na coleta de dados, buscou-se entrevistar professores das escolas para que estes fornecessem informações. Descobriu-se que as condições de algumas escolas da rede oficial, principalmente as do curso noturno, no que diz respeito tanto a recursos materiais como humanos, eram precárias.

Não tenho dúvida de que recursos limitados, infraestrutura precária, carência crônica de material pedagógico e de apoio – tudo isso acaba comprometendo a condução eficaz do estágio na escola. Será diferente da nossa realidade em Caetité?

A autora menciona o significado da Educação e da escola na realidade atual. Diz ela:

Há hoje um despertar geral, no âmbito da Educação, para seu significado social e político. Cresce cada vez mais a consciência de que o fato educacional está dentro desse parâmetro, e a ação dos professores deve acontecer dentro dessa realidade concreta da sociedade brasileira de hoje. [...] A escola destaca-se, dentre as diversas organizações da sociedade, pelas suas características de intencionalidade e organicidade na apropriação dos elementos mais elaborados da cultura, isto é, o conhecimento com bases científicas que fundamentam o saber do homem.

A docência, determinada que é pela sua ligação com a apropriação e a participação na produção do conhecimento, tem lugar de grande importância no processo global da educação e é decisiva no processo escolar.” (KULSCAR, 2014, p. 63-64)

Em relação ao texto “O papel do Estágio nos cursos de formação dos professores”, de Fazenda (2014), são levantadas algumas questões pertinentes a esta dissertação.

A autora abre o artigo dizendo que pensar o estágio nos cursos de formação de professores tem sido, para ela, uma tarefa complicada, pois no processo há muitas contradições que culminam na sua inquietação. Diz ela:

Trabalhando há três anos com alunos da pós-graduação, percebo as principais dificuldades por eles encontradas quanto à organização do pensar, do escrever e do agir. Embora relatem, na maior parte das vezes, práticas educativas consistentes, sentem-se impotentes diante da necessidade de observá-las, descrevê-las e analisá-las em suas monografias e teses (FAZENDA, 2014, p. 48).

Segundo ela, essas dificuldades se originaram ainda no 1º. Grau. Seria, então, um problema estrutural das séries iniciais do estudante, cuja base não foi plenamente satisfatória? Fazenda ainda ressalta que o profissional que não consegue investigar questões específicas de sua área de conhecimento ou que não tenha tido oportunidade de pesquisar-se a si mesmo, necessariamente não terá condições de projetar seu próprio trabalho, de avaliar seu desempenho e de contribuir para a construção do conhecimento de seus alunos.

Ela vai chamar essa defasagem que se dá ainda no 1º Grau de “hibernação teórica”, quer dizer: o aluno cumpre basicamente suas tarefas, como resumo de capítulo – escrevendo o mínimo possível –, os trabalhos são realizados em grupos e os seminários, improvisados. Ou seja, penso que nessa “hibernação”, que remonta aos anos iniciais de formação do educando, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio, os alunos eram “estimulados” basicamente a *não* se aprofundar nos conceitos teóricos, mas tão-somente para obter a nota. A autora acrescenta que essas leituras, sendo superficiais, visavam a um resumo, sem que se soubesse o porquê, em razão da ausência de um projeto de curso, cujas leituras eram repetidas ou de difícil compreensão e sem a indicação de uma bibliografia de apoio.

Fazenda (2014) diz que essa “hibernação” atinge também os professores. Nas palavras dela:

O período de hibernação é aquele que antecede a aposentadoria. O professor entra no magistério esperando a hora de sair, confuso com uma realidade que desconhece, despreparado teoricamente para enfrentá-la, malpago, mal-orientado, e não incentivado, acaba por estagnar-se, hiberna-se em seu trabalho e aí permanece até o final (FAZENDA, 2014, p. 49).

Pensar no estágio é pensar, portanto, num projeto coletivo que contemple todos os participantes do processo educativo. Partindo desse pressuposto, Fazenda (2014) descreve seu processo de pesquisar. Pesquisar para descobrir. Indo nesta direção, destaco que a pesquisa neste meu projeto fez-se absolutamente necessária para que eu pudesse vislumbrar a realidade que me cerca. Fazenda (2014) começa falando da “pesquisa do eu” para, em seguida, traçar a “pesquisa do nós”. Ela pontua a construção da realidade do educador, que passa pela construção da realidade pessoal e que, finalmente, culmina na identidade coletiva. A estudiosa traçou em seu curso três elementos para análise:

- 1) Questionário;
- 2) Entrevistas;
- 3) Memória dos alunos sobre a prática do professor em sala de aula.

Precisamente estes elementos levantam-se nesta dissertação, não obstante as limitações impostas quanto a visitas às escolas e entrevistas com professores e alunos envolvidos no Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa no Município de Caetité - Bahia. Prossegue Fazenda: *“Pensar o Estágio como pesquisa, volto a afirmar, de nada valeria se não pudéssemos pensá-lo numa dimensão maior: a de um projeto coletivo de formação do educador”* (FAZENDA, 2014, p. 54, ênfase acrescida).

Com relação ao texto de Fazenda (2014), posso dizer que me senti contemplado no que se refere à identidade individual – no caso, a do professor, e a identidade coletiva (do nós, educadores e alunos) porque há de se pensar o estágio como prática plural e democrática. Essas identidades, somadas, elevam, no meu modo de pensar, a qualidade do trabalho. Fazenda (2014) destaca também a importância da pesquisa, que considero fundamental, para conhecermos a realidade dada e traçarmos a rota para o progresso e consequente sucesso da prática do Estágio Supervisionado, que, conforme ela salienta, não é uma tarefa fácil nem simples, talvez nunca tenha sido, está permeada de dificuldades e inquietações, que nos desafia a todos, envolvidos no processo.

Entendo que o estagiário não deva trabalhar de forma individualizada, lançando mão apenas de recursos teórico-metodológicos, mas mantendo permanente diálogo com o professor titular e seus alunos, na medida em que esse diálogo pode contribuir para um estágio mais

próximo da realidade do educando e, conseqüentemente, mais prazeroso. O estagiário, portanto, necessita adequar-se à nova realidade. Rios (2015) escreveu sobre esta questão, ressaltando:

[...] a importância do diálogo como uma estratégia de enfrentamento das situações de desigualdade social, através do trabalho pedagógico, na construção dos seres sociais com a capacidade de falar, de escutar, de dialogar e de trabalhar em cooperação (RIOS, 2015, p. 92).

Os estagiários podem se defrontar com situações delicadas como escolas em zona de extrema violência, sem as condições mínimas de higiene, ausência de infraestrutura e de materiais didático-pedagógicos e de apoio, apenas para citar algumas situações possíveis de serem encontradas. Frente a essa realidade, a autora menciona uma questão importante: a condição socioeconômica dos discentes não deve ser uma barreira para o ensino, e o professor titular, não raro, enxerga na carência de recursos e na situação desfavorecida dos alunos um entrave para o processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento do aluno.

Observando-se o currículo de Letras na graduação, é de fundamental importância o Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, para além da obrigatoriedade de se cumprir a disciplina. Em primeiro lugar, o discente terá a oportunidade de planejar-se; em seguida, deparar-se-á com o desafio de ministrar suas próprias aulas concernentes ao estágio. Vale ressaltar que esta experiência, para muitos alunos, é a primeira atuação naquele que será seu ambiente laboral, a sala de aula. Insegurança, angústia, preocupação e obstáculos dos mais diversos fazem parte deste processo. Para que o desempenho do estagiário seja exitoso e, portanto, proveitoso para os alunos que receberão o trabalho, são de fundamental importância o reconhecimento social da escola, suas problemáticas cotidianas, os anseios da turma, uma orientação segura e produtiva do professor-orientador, uma metodologia pertinente àquele conteúdo, um referencial teórico que contemple as expectativas, dando ao estagiário a segurança necessária para um bom desempenho.

Os alunos que receberão os estagiários certamente nutrem expectativas e anseios em relação às aulas do estagiário. Portanto, estarão ávidos por aulas dinâmicas que fujam do lugar-comum. Mas como corresponder a tamanha espera com um trabalho adequado, com qualidade e que contribua satisfatoriamente para o progresso dos alunos? Ser estagiário de Língua Portuguesa e Literatura é, sem dúvida, um desafio que marca a vida do educador, a despeito – conforme sabemos, porque sentimos na pele cotidianamente, enquanto professores – das

inúmeras dificuldades que permeiam nossa profissão. A queixa salarial da categoria é recorrente e crônica. Num contexto de pandemia do novo coronavírus, com a escalada da contaminação e hospitais no limite de sua capacidade, com aulas remotas que não alcançam – por diversos fatores – a totalidade dos alunos, a classe docente se vê numa situação ainda mais delicada e difícil. Trabalhar nessas condições é, certamente, desanimador, mas é preciso encontrar caminhos e alternativas para nossa atuação porque entendemos que o trabalho do professor, seja qual for o momento, é absolutamente necessário para a transformação que tanto almejamos.

A respeito do profissional da Educação, trago o pensamento de Arroyo:

No convívio com professoras e professores percebo que há uma preocupação por qualificar-se, por dominar saberes, métodos, por adequar sua função social aos novos tempos, novos conhecimentos e novas tecnologias [...] Há algo mais de fundo em questão: o próprio sentido social de suas vidas, de seus esforços, de sua condição de mestres. Entender o papel que exercem, o peso social e cultural que carregam. Sua condição. Seu ofício [...] Durante décadas a categoria vem-se autodescobrindo e afirmando como coletivo social. (ARROYO, 2000, p. 34)

Compreendo que o autor chama a atenção para a relevância do educador na sociedade, talvez ainda maior do que o próprio professor acredita. O profissional da Educação deve manter-se sempre motivado e estimulado porque ele cumpre um papel relevante na sociedade onde atua. Vale destacar que aqui não vejo o profissional do ensino como um apenas, individualizado, mas representante de uma categoria, uma classe como um todo. E representantes da categoria, como os sindicatos, têm de lutar permanentemente pela conquista de espaços e valorização salarial permanente.

Eis o fundamento do Estágio Supervisionado, na perspectiva de Barreiro e Gebran (2006):

De modo geral, os estágios têm se constituído de forma burocrática, com preenchimento de fichas e valorização de atividades que envolvem observação, participação e regência, desprovidas de uma meta investigativa [...] A inserção do aluno na realidade que se pretende investigar, e na qual atuará como profissional, só é possível mediante a intencionalidade dos cursos formadores e do estagiário [...] A ação docente não pode ser considerada somente sob o ponto de vista instrumental, pois, entre o conhecimento e a ação, existe a mediação do sujeito, a sua subjetividade [...] (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 26).

A prática pedagógica como sendo uma atividade artística também merece destaque segundo Freitag (1994):

A pedagogia é uma das artes mais difíceis, que não somente precisa ser aperfeiçoada através das gerações, mas que precisa ser fundamentada por pesquisa sistemática. Cabe a esta *arte* (grifo da autora) cultivar no homem moderno não somente o ideal humanístico herdado dos gregos da Antiguidade – a perfectibilidade de cada um e da humanidade como um todo – como também desenvolver as práticas pedagógicas para aproximar cada um e todos deste ideal (FREITAG, 1994, p. 21).

No processo da aprendizagem, a estudiosa Martins (1995) trata das múltiplas formas de leitura, imprescindíveis para este ato:

Vale afirmar que o valor de nossas pesquisas está diretamente sintonizado com a qualidade das leituras feitas. Refiro-me não somente às leituras dos livros, mas à leitura de si, do outro, do mundo, bem como as conversas filosóficas e ideológicas com nossos companheiros, seja da academia, seja das organizações sociais, seja dos nossos afetos. Freud associava o escrever ao fluir de um líquido de dentro de nós, similar à simbolização de um coito. Ernest Jones, seguidor de Freud, dizia: “[...] existe um vínculo interior entre o fato de urinar e o de escrever, e certamente isso não acontece somente comigo”. (MARTINS, 1995, p. 133)

É válido destacar nesta pesquisa também o pensamento de Maria de Lourdes Soares Ornellas. “Não se pode perder de vista que escrever é gestar uma interlocução de muitas prosas” (ORNELLAS, 2009, p. 143).

Palmeira (2009) discorre, oportunamente, a respeito também dos valores éticos e morais que devem nortear a relação entre educando-escola. A escola, portanto, não deve se limitar somente a transmitir conhecimento.

Valores, atitudes e normas são conceitos imbrincados. Os valores estão relacionados aos sentimentos e à razão e se tornam princípios que guiam a ação, portanto, fundamentam a elaboração das normas e a formação das atitudes. Os valores são estruturantes de nossa subjetividade. Ocupam um lugar mais destacado na estrutura do caráter que as atitudes. Estas, assim como as normas, estão diretamente relacionadas aos valores e formam a personalidade moral [...] Do ponto de vista “político”, o foco dos valores nos processos educativos decorre do entendimento de que, como seres comunicativos, a educação é um processo que se realiza a partir das relações que se estabelecem entre os sujeitos e destes com a sociedade, em condicionamento recíproco (PALMEIRA, 2009, p. 324).

No que diz respeito ao pensamento de Palmeira, estou de acordo que a escola, como espaço democrático e plural, além de cumprir o rol de disciplinas exigidas pela grade para compor o período letivo, também deve inculcar valores morais e noções de ética, contribuindo, desta maneira, para a cidadania plena do educando, repito, para além do conteúdo das matérias. Os valores subjetivos, as emoções, o espírito de solidariedade na convivência entre educandos e educadores devem se somar à racionalidade da apreensão conteudista.

Quando pensamos em educação, naturalmente imagina-se um processo de acolhimento, de múltiplas vozes, de participação democrática e de acesso gratuito e efetivo – em suma, pensamos em cidadania. Anísio Teixeira foi um dos intelectuais que pensaram a educação como alicerce da sociedade, porém sem perder a esperança no progresso do ensino, posto que muito ainda estava por ser feito. Por ser baiano de Caetité, o autor é muito citado entre nós, embora seus livros sejam pouco lidos fora do universo acadêmico. Pensar na prática de estágio é pensar também em uma sala de aula, com alunos e professores motivados e curiosos, onde a *práxis* se dá. E sem a escola e sem alunos não poderá haver estágio. Estagiar para quem, se não existissem os estudantes? O estagiário, portanto, faz a mediação entre o professor regente e os alunos. Teixeira (1956) ressalta:

A escola, como o lar, é instituição de tal modo fundamental no funcionamento da sociedade, que o seu progresso será menos o efeito de leis do que o progresso real da sociedade brasileira da melhor expressão de seus anseios. Não pretenda tanto o Estado o seu controle, quanto assisti-la, estimulá-la, ajudá-la a ser o que deve ser, para se constituir a reguladora da civilização brasileira. Pouco a pouco [...] se irá criando a consciência de que o válido em educação é o resultado concreto e real dos estudos, e não o formalismo de sua prática. E, nesse dia, estaremos entrando na estrada real do progresso educativo, autêntico, vigoroso e incessante, que é a nossa aspiração e a aspiração de todo o Brasil (TEIXEIRA, 1956, p. 99).

No capítulo “A Escola como um lugar especial”, Gadotti (2007) aborda o quanto fundamental é a escola para o desenvolvimento do processo educacional e a comunhão que deve haver entre ela e a sociedade na qual está inserida.

A escola é um lugar bonito, um lugar cheio de vida, seja ela uma escola com todas as condições de trabalho, seja ela uma escola onde falta tudo. Mesmo faltando tudo, nela existe o essencial: gente. Professores e alunos, funcionários, diretores. Todos tentando fazer o que lhes parece melhor. Nem sempre eles têm êxito, mas estão sempre tentando. Por isso, precisamos falar mais e melhor de nossas escolas, de nossa educação. A escola é um espaço de relações. Neste sentido, cada escola é única, fruto de sua história particular,

de seu projeto e de seus agentes. Como lugar de pessoas e de relações, é também um lugar de representações sociais (GADOTTI, 2007, p. 11).

Este trecho de Gadotti toca-me profundamente e diz muito a respeito do nosso espaço de trabalho, o local onde se cria o conhecimento e se tecem relações de afeto, seja entre colegas estudantes, entre professores e alunos ou ainda entre os demais profissionais que ali trabalham. Como pontua o autor, não raro constata-se na escola, mesmo ela sendo indispensável, a carência material e deficiências estruturais. Quer um aparelho que quebrou e precisa de reparo, quer uma simples resma de papel na Direção que acabou e precisa ser reposta, quer instalações físicas que necessitam de melhorias etc. As dificuldades financeiras, às vezes, pesam sobre as escolas públicas, frequentadas, portanto, pelos filhos das classes populares. Chama-me a atenção o autor destacar que na escola é o local para se fazer também política – no sentido amplo do termo. Política que reivindica direitos, acolhimento, participação da comunidade e dos órgãos gestores, assim como mudanças estruturais. Meu pensamento se soma ao do autor porque tenho consciência de que fora da Política não há desenvolvimento. Não há melhorias. Não há progresso que alcance o bem comum. Muitas das conquistas de que hoje desfrutamos, como o retorno da Democracia, por exemplo, no bojo das Diretas-Já! no ano de 1984 ou, regredindo um pouco mais na História, o direito ao voto feminino, foram conquistas políticas, reivindicações da sociedade que tiveram a escola como local de luta. Uma das sufragistas pioneiras no País, Leolinda Figueiredo Daltro, era professora e diretora escolar.

Portanto, rechaço com veemência a pauta dos que querem uma “Escola sem Partido” por me parecer uma estratégia fácil e simples ao comodismo para não se reivindicar nada. Essa aparente neutralidade é falaciosa. Freire (1996), em *Pedagogia da Autonomia* – será mencionada mais adiante – vai classificá-la como “ardil ideológico”. É preciso, sim, ter lado: o que luta pelo mais fraco em detrimento do mais forte; o que chama à consciência em detrimento da alienação; e finalmente o que exige a liberdade em detrimento da mordação. A escola, então, é palco de lutas em favor do bem comum não apenas dos alunos ali matriculados, mas da sociedade que a cerca.

Saviani (1999), por sua vez, discorre sobre a relevância e a finalidade do ensino escolar – sobretudo no que tange à relevância do conteúdo em sala –, destacando especialmente o alunado das classes populares a quem ele se destina.

Contra essa tendência de aligeiramento do ensino destinado às camadas populares, nós precisaríamos defender o aprimoramento exatamente do ensino destinado às camadas populares. Essa defesa implica na prioridade de conteúdo. Os conteúdos são fundamentais, e sem conteúdos relevantes, conteúdos significativos, a aprendizagem deixa de existir. Ela se transforma num arremedo, ela se transforma numa farsa. Parece-me, pois, fundamental que se entenda isso e que no interior da escola nós atuemos segundo essa máxima, a prioridade de conteúdos, que é a única forma de lutar contra a farsa do ensino. Por que esses conteúdos são prioritários? Justamente porque o domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas (SAVIANI, 1999, p. 65).

Julgo interessante e pertinente nesta pesquisa o pensamento do professor Demerval Saviani (1999), que foca na ideia de que o conteúdo é imprescindível na formação escolar, principalmente quando se leva em conta que ali estão alunos de classes mais baixas, e, portanto, com uma carência talvez maior do aprendizado teórico, conteudista. Se esse aluno não obtiver o conhecimento do conteúdo das disciplinas, suas complexidades em matérias como Matemática, Química, Física, por exemplo, provavelmente ficará para trás numa concorrência – como o vestibular/ENEM – em relação a alunos que estudaram em escolas com melhores condições, no caso, particulares. Ele acrescenta, também, que o aluno da classe trabalhadora deve ter consciência de que ele é dominado e explorado. Sem esta consciência, não haverá mudança significativa em sua formação. Munido de mais conteúdo, de mais informação, de mais teorias, o aluno tenderá a assimilar melhor as ideias, a compreender com precisão sua condição enquanto indivíduo, e passa a se conscientizar até mesmo para reivindicar seus direitos e, conseqüentemente, ascender social e economicamente.

Nogueira (2009), trazendo para a discussão o pensamento de Apple (2009) sobre a realidade escolar, ressalta:

“O que as escolas fazem” se tornou o centro do interesse das teorias críticas e elas afirmam que precisamos compreender e interpretar a educação nos seus diversos aspectos: culturais, sociais e estruturais (políticos e econômicos). A questão é analisar o que as escolas fazem, como fazem e por que fazem. Na visão de Apple, a escola desempenha três atividades amplas e densas: a acumulação, a produção e a legitimação de conhecimentos (NOGUEIRA, 2009, p. 124).

Sacristán (2008) aborda o contato salutar entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem:

A relação entre professores e estudantes tem múltiplas dimensões e se projeta sobre facetas muito diversas das práticas educativas. As relações entre adultos e menores são fundamentais na socialização destes, sendo a que se desenvolve nas instituições educativas uma relação de especial significado, por ser prolongada e porque a entendemos como especificamente dirigida a influir nos menores para uma direção determinada, a qual legitima o adulto-professor para intervir em nome de um projeto de transformação dos menores-alunos com toda a autoridade (SACRISTÁN, 2008).

Percebo, nesta fala de Sacristán, que a autoridade do professor é chancelada se houver, entre quem ensina e quem aprende, uma relação social profunda e duradoura. Este aspecto consigo verificar em minha experiência em sala de aula com relação a meus alunos. Noto que os “menores” esperam muito de mim, e, uma vez que consigo corresponder às suas expectativas, fortaleço minha autoridade no espaço educativo.

A respeito da responsabilidade pedagógica e dos valores do profissional de Educação, assim se posiciona Nóvoa (1995):

Os professores têm de reencontrar novos valores, que não reneguem as reminiscências mais positivas (e utópicas) do idealismo escolar, mas que permitam atribuir um sentido à ação presente. Por outro lado, precisam de edificar normas de funcionamento e regulações profissionais que substituam os enquadramentos administrativos do Estado. A produção de uma cultura profissional dos professores é um trabalho longo, realizado no interior e exterior da profissão, que obriga a intensas interações e partilhas. O novo profissionalismo docente tem de basear-se em regras éticas, nomeadamente no que diz respeito à relação com os restantes atores educativos, e na prestação de serviço de qualidade (NÓVOA, 1995, p. 28).

Freire também aborda essa questão, ao rejeitar o conceito de educação fatalista, que não dá esperança ao aluno mais pobre. Para além da teoria, o professor pode/deve estimular no seu estagiário a alegria, a ética e a esperança, buscando uma interação na qual o professor, ao ensinar, aprende; e o aluno, ao aprender, ensina, de modo que o discurso determinista ceda espaço para o estímulo, a perseverança e a criatividade. Nesse percurso, o diálogo com as pessoas envolvidas torna-se crucial para o êxito da atividade.

O estagiário necessita aprender que o educando é um ser inacabado, que sua lapidação depende da compreensão daquele que o forma, que precisa ser incentivado a aprender, a expressar-se, a criar, a partilhar conhecimentos, a interagir e a dialogar. Compreender que estar preparado para o estágio vai além do conhecimento teórico, passa pelo bom-senso, pela criatividade, pela humanização, pela coerência do discurso, pela afetividade e pelo otimismo.

Ao rigor do método, afirma Freire (1996), deve-se somar a alegria e a esperança:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana [...] A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo (FREIRE, 1996, p. 29).

Freire aposta na esperança, na ideia de que o aluno da classe popular pode crescer e acessar a plena cidadania mediante uma educação consciente e que precisa ser, portanto, libertadora. De que seu destino não está determinado pelas circunstâncias adversas e, portanto, condenado ao fracasso – o que ele vai classificar de “fatalismo cínico e imobilizante”. Advoga o amor e a esperança – porque, defende ele, esta faz parte da natureza humana – ante a ganância das corporações, que não enxergam o indivíduo, mas apenas os lucros. Porém, destaca Freire, essa esperança não pode ser confundida com ingenuidade, mas sim uma esperança que deve ser, no presente, trabalhada, estruturada, com muita luta e amor à docência e ao discente. “Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível” (FREIRE, 1996, p. 85).

Seguindo a lógica freireana, a afetividade na prática docente pode colaborar para o progresso do estagiário e o consequente sucesso em sua prática.

No que se refere à contextualização do ensino à realidade do educando, Leite (2006) assevera que as interações em sala de aula são constituídas por um conjunto complexo de variadas formas de atuação que se estabelecem entre as partes envolvidas, professores e alunos, e essa relação estreita-se quanto maior for o conhecimento da realidade desse aluno, que vê no ensino uma razão de ser, uma vez que pode aplicá-lo em seu cotidiano. Essa forma de ensinar/aprender fortalece as relações afetivas e aumenta a interação entre os envolvidos. Sobre esta questão, Leite (2006) assim se manifesta:

Grande parte do ensino tradicional é marcada por objetivos irrelevantes, do ponto de vista do aluno, o que colaborou com a construção de uma escola divorciada da realidade, principalmente no ensino público, caracterizada pelo fracasso em possibilitar a criação de vínculos entre os alunos e os diversos conteúdos desenvolvidos. Isso não significa que defendemos um ensino pragmático e superficial, mas reassumimos que o conhecimento acumulado em determinada área deve estar disponível para que as pessoas melhorem as

suas condições de exercício da cidadania e de inserção social. Uma escola voltada para a vida implica objetivos e conteúdos relevantes, tomando-se como referência o exercício da cidadania, o que aumenta a chance de se estabelecerem vínculos afetivos entre o sujeito e os objetos (LEITE, 2006, p. 35).

Como podemos, porém, conhecer a realidade desses estudantes? Uma das formas é esta que estou propondo aqui neste trabalho por meio da realização de pesquisas de campo, mediante a qual o professor de estágio, de posse das informações colhidas e analisadas, possa orientar seus alunos a investigar a escola onde irá atuar, assim como o seu entorno.

Pimenta e Lima (2012) traçam algumas estratégias para a docência. Segundo as autoras, “a compreensão da relação entre teoria e prática possibilitou estudos e pesquisas que têm iluminado perspectivas para uma nova concepção de estágio” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 44). Nessa perspectiva, podemos inferir que é a teoria na prática que mostra o caminho e as melhores estratégias de ação:

O estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis. Ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 44-45).

Uma questão a ser discutida e de fundamental importância para essa práxis exitosa é a interdisciplinaridade, que atravessa diferentes áreas do conhecimento. Na sociedade moderna tão plural e diversificada, educadores e educandos recebem uma grande gama de conhecimentos e informações quase que instantaneamente ao fato que diferencia uma experiência de outra a depender das leituras que realiza, da formação, do contexto sociopolítico e econômico, do gênero, da faixa etária, dentre outras diferenças mais entre os observadores.

Desta forma, a interdisciplinaridade faz-se necessária no sentido de promover o diálogo entre diversos temas que se entrelaçam, fazendo uma espécie de “ponte” entre as matérias que possibilitam melhor compreensão do todo, quando refletimos que o saber não é único e que o diálogo é o caminho para a solução de problemas.

Vale ressaltar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Médio abordam a proposta da interdisciplinaridade no sentido de acabar com o ensino fragmentado, compartimentalizado e descontextualizado, indicando um “desenvolvimento do currículo de

forma orgânica, superando a organização por disciplinas estanques e revigorando a integração e articulação dos conhecimentos, num processo permanente de interdisciplinaridade” (BRASIL, 2000, p. 17). Uma das estudiosas da abordagem interdisciplinar, Fazenda (2011) ratifica essa discussão:

A Interdisciplinaridade é uma atitude de abertura, não preconceituosa, em que todo conhecimento é igualmente importante [...] É uma atitude coerente, que supõe uma postura única diante dos fatos, é na opinião crítica do outro que se fundamenta a opinião particular. Somente na intersubjetividade, num regime de copropriedade, de interação, é possível o diálogo, única condição de possibilidade de Interdisciplinaridade [...] A primeira condição da efetivação da Interdisciplinaridade é o desenvolvimento da sensibilidade, neste sentido tornando-se particularmente necessária uma formação adequada que pressuponha um treino na arte de entender e esperar um desenvolvimento no sentido de criação e imaginação [...] (FAZENDA, 2011, p. 11 e 22).

Nas minhas aulas sempre procurei relacionar conteúdos ainda que de disciplinas diferentes. Entendo que, hoje em dia, para o sucesso da prática educativa, o professor deve acumular múltiplos conhecimentos, para poder relacioná-los mais adiante, e não apenas aqueles restritos à sua disciplina, sob o risco de suas aulas ficarem “pobres” e o aluno dar-se por satisfeito com a informação estrita àquela disciplina. Um aspecto sempre dialoga com outro – o que acaba por enriquecer o cabedal de informação dos alunos. Cito um exemplo. Suponhamos que o professor de estágio esteja trabalhando com Modernismo Brasileiro na Literatura. Ele vai destacar, é claro, os grandes autores, as suas respectivas obras, o contexto político daquele período, os acontecimentos mundiais importantes, as influências estéticas estrangeiras etc. Digamos que este trabalho chegue até a obra de Graciliano Ramos e seu romance mais conhecido, *Vidas Secas*, que aborda a miséria sertaneja de retirantes brutalizados. Sei que existe um célebre pintor chamado Candido Portinari, que, em suas obras, retratou o trabalhador brasileiro comum, crianças pobres e a miséria em quadros como *Criança Morta* e *Os Retirantes*. Relacionando a história de Sinhá Vitória, Fabiano, a cachorra Baleia e os filhos que nem nome têm (são chamados de O Menino Mais Novo e O Menino Mais Velho), posso ligar essa história aos personagens desenhados por Portinari. Ou seja, ao invés de trabalhar apenas Literatura, o professor pode somar a ela também o conhecimento em Artes. A Interdisciplinaridade, sem dúvida alguma, faz-se muito necessária no processo de ensino-aprendizagem.

4. METODOLOGIA

Como juntar teoria e prática de forma a superar os problemas, vencer os desafios e limites e melhorar o resultado?

Minha intenção é a de me aprofundar nessas discussões, seja por meio da teoria que as sustenta, seja pela investigação de campo que me tem subsidiado sobre o contexto no qual a teoria e a prática do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literaturas em Caetité dialogam.

A pesquisa qualitativa apresenta-se como abordagem metodológica importante para este estudo, em razão de ser aberta para as subjetividades dos participantes que acabam por revelar situações importantes para a avaliação dos problemas e, quiçá, vislumbrar soluções que, em estado de dormência, podem vir à tona. A colocação do ponto de vista dos participantes é crucial para a compreensão das dificuldades; informações possíveis apenas através da pesquisa qualitativa.

Norteou-me permanentemente, como se trata de uma investigação com seres humanos, o pensamento de estar respaldado por valores éticos.

Ressaltou Godoy, em 1995, que são três os tipos mais usuais de pesquisa qualitativa: a documental, o estudo de caso e a etnografia. Segundo este critério, escolhi, primeiramente, pesquisar e me aprofundar num referencial teórico e material bibliográfico que contemplasse a prática de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e suas dificuldades, a fim de construir o lastro necessário para conduzir minha pesquisa, para tanto uma pesquisa bibliográfica fez-se necessária. A análise documental também se apresentou crucial para avaliar o desempenho dos estagiários, assim como a metodologia adotada pelo regente de estágio, o que possibilitaria constatar se há, ou não, discrepância entre aquilo que foi ensinado, aquilo que deveria ser aprendido e aquilo que foi aprendido de fato.

Para tanto, a pesquisa de campo mostra-se como o caminho a ser seguido, por possibilitar maior proximidade entre pesquisador e participantes. Explica Vergara (2009) sobre a pesquisa de campo: “[...] é a investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um

fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não” (VERGARA 2009, p. 43).

Com relação aos procedimentos qualitativos, Creswell (2007) explica que eles “se baseiam em dados de texto e imagem [...]”, possuem “[...] estratégias diversas de investigação”, uma delas anotações em forma de diário e análise específica de dados (CRESWELL, 2007, p. 184 e 188).

O estudo de caso respondeu às necessidades que esta pesquisa me impôs, por possibilitar, em curto espaço de tempo, uma análise mais profunda e um exame mais detalhado da turma de Estágio Supervisionado de 2021.

Primeiramente, procedi ao estudo e fichamento das referências que se demonstraram importantes para a discussão e compreensão do tema; em seguida, análise documental de anotações e relatórios de professores de estágio e estagiários; terceiro, coleta de informações através de entrevista por compreender a possibilidade de maior diálogo entre pesquisador e pesquisado, que pode se sentir mais tranquilo para falar sobre sua experiência. A formulação de perguntas abertas possibilitou a revelação de informações que podem surpreender o entrevistador por não haver pensado sob aquela perspectiva, como Gil (1999) nos orienta, o pesquisador faz perguntas objetivando obter informações que interessam à investigação e que extrapolem suas expectativas.

Com essas informações, entrevistamos, em primeiro lugar, os professores orientadores do Estágio Supervisionado, estudantes do último semestre do Curso de Letras do Campus VI, assim como alguns egressos do mesmo curso; diretores, coordenadores e professores das escolas que recebem estagiários e, finalmente, conhecemos também a opinião de alguns alunos dos colégios conveniados, a fim de compreender os desafios, limites e obstáculos que permeiam a prática de estágio. O número de entrevistados em cada segmento foi limitado em virtude das restrições impostas pela pandemia da Covid-19, como anteriormente mencionado.

Numa Pesquisa Qualitativa as respostas não são objetivas, e o propósito não é contabilizar quantidades, mas sim conseguir entender os caminhos percorridos por estes sujeitos que levam a resultados positivos, ou negativos, no estágio. Nesse percurso, é possível perceber se as

atividades de Estágio Supervisionado executadas correspondem, ou não, à proposta pedagógica da escola em que escolheram estagiar.

Finda a coleta de dados, passei à análise dos registros, buscando compreender as dificuldades relatadas, as frustrações, os limites impostos e quais as estratégias utilizadas para vencer esses entraves. Mas também levei em consideração a narrativa dos pontos positivos encontrados e narrados pelos participantes como incentivo para criação de novas fórmulas de vencer os obstáculos que nossa educação impõe aos estudantes da periferia (lembrando aqui até mesmo a escolha do curso de licenciatura como uma possibilidade de ascensão social, quando os cursos de Medicina, Direito, Odontologia e Engenharias parecem inacessíveis a essa parcela da população).

A escolha da UNEB - *Campus VI* como *locus* da pesquisa deveu-se ao fato de eu ser um aluno egresso da instituição, o que me levou a pensar que os estudos ali realizados deveriam expandir em outras instituições e/ou leituras para retornar em forma de pesquisa e, assim, poder contribuir para a educação de outros estudantes.

Para tanto, finda a pesquisa de campo, procedi à criação de um espaço de discussão sobre “Professor reflexivo”, “Interdisciplinaridade”, “Diálogo e contexto” e “Estágio Supervisionado”, assim como a apresentação para discussão e reflexão sobre o resultado da pesquisa realizada, para elaboração de um curso com viés pedagógico que contemple as necessidades dos estagiários, assim como o projeto das instituições do Ensino Médio.

Tenho expectativas de que esta pesquisa venha a contribuir para a formação dos licenciandos em Letras Vernáculas e Literaturas de Língua Portuguesa, num período tão importante de sua formação docente que é o Estágio Supervisionado.

É muito difícil realizar uma pesquisa qualitativa responsável com pouco tempo de observação participativa, daí compreendermos a necessidade de permanência no campo por um tempo mais longo, que nos possibilita maior número de informações e, conseqüentemente, maior segurança para o cruzamento de dados.

O Estudo de Caso foi útil nesta investigação porque permitiu dimensionar todo o processo, no sentido de se conhecer caminhos, possibilidades, falhas e acertos dos atores envolvidos com a prática de Estágio em sala de aula. O Estudo de Caso, para Minayo,

Utiliza estratégias de investigação qualitativa, para mapear, descrever e analisar o contexto, com as percepções a respeito da situação, fenômeno ou episódio em questão. Esse tipo de estudo tem sido bastante funcional na compreensão de impactos de determinadas políticas numa realidade concreta, na avaliação de processos e resultados de propostas pedagógicas e na exploração de situações em que determinadas intervenções não trouxeram resultados previstos (MINAYO, 2010, p. 164).

Também propondo ideias para o Estudo de Caso, quando se detém sobre os dados coletados, assevera YIN:

- 1 – Um Estudo de Caso é uma investigação empírica que:
 - investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando:
 - os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.
- 2 – A investigação de Estudo de Caso
 - enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado,
 - baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado,
 - beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados (YIN, 2001, p. 32-33).

É necessário abordarmos o Estudo de Caso, então, para se descobrir um fenômeno que se suspeitava que existisse antes mesmo da coleta de dados, isto é, trata-se de um trabalho permeado por dúvidas ou total desconhecimento; após a pesquisa de campo, os dados são levantados pela pesquisa e devidamente apreciados, para se tirar conclusões e obter respostas.

5. ANÁLISE DE DADOS

As experiências narradas pelas estagiárias da UNEB – Caetitê e a realidade verificada

Após responder ao questionário que elaborei para a professora regente da UNEB – *Campus VI*, professora Dra. Aparecida de Fátima Brasileiro, que me respondeu via áudio, solicitei a ela que me indicasse cinco estagiárias suas para que respondessem a algumas perguntas no sentido de vislumbrar dificuldades, desafios e resultados de suas experiências.

Sugeri um prazo de quinze dias para que me respondessem. Nenhuma se opôs. Elas mesmas sugeriram, via grupo de WhatsApp, que seria melhor eu encaminhar as perguntas via formulário do Google, e não pela forma tradicional, digitada em Word. Dessas, três deram a devolutiva. Destaco que as alunas não estão sendo identificadas pelos seus nomes reais, mas sim fictícios: Sueli, Kátia e Cláudia. A entrevista completa com a professora Dra. Aparecida Brasileiro e o questionário enviado para as estagiárias encontram-se no Apêndices A e B, respectivamente, dessa dissertação.

Comparando com atenção as respostas, é possível vislumbrar pontos que coincidem e que divergem, que serão dispostos a seguir:

- 1) Nenhuma das três conhecia a escola onde iriam estagiar;
- 2) Todas elas, em razão da pandemia do Novo Coronavírus, realizaram o Estágio Supervisionado de modo remoto;
- 3) De forma unânime, elas relataram obstáculos na prática do estágio, sendo o principal deles problemas com a conectividade, não conhecer os alunos presencialmente e a restrição e aplicação de atividades por conta do distanciamento;
- 4) Em relação à disponibilidade de material no acervo da escola, as estagiárias destacam que, por conta do ensino não-presencial, não tiveram acesso ao material, porém, uma delas relatou que a professora regente cedeu material e as ideias para as dinâmicas; e outra, que utilizava seu próprio material didático;
- 5) As três participantes relatam que tiveram um diálogo estreito com a professora-orientadora e que eventuais conflitos foram mediados e solucionados;
- 6) Das três entrevistadas, uma respondeu que a universidade não a preparou satisfatoriamente para a prática; outra, que, sim, a preparou; e a seguinte, “sim e não”;
- 7) Em relação à localidade e o colégio onde deveriam realizar a prática de estágio, as respostas são distintas: as duas primeiras disseram que a escolha foi condicionada pela professora-orientadora, sendo que a segunda detalhou que a escolha se deu mediante um sorteio; e finalmente a terceira disse que a escolha se deu em razão da sua

disponibilidade, uma vez que ela trabalha – ou seja, a aluna montou seu horário a fim de que o dia e o horário destinados ao estágio não coincidisse com seu serviço laboral;

- 8) As três entrevistadas reconhecem a importância de se mesclar à prática a Gramática Normativa, TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) à realidade do aluno, e uma delas acrescentou que os alunos ainda sentem dificuldades quando estudam gramática; outra, que não se pode esquecer da produção textual e gêneros textuais que devem estar irmanados ao ensino gramatical; e finalmente a terceira destaca a falta de letramento dos alunos em relação às ferramentas digitais;
- 9) De forma unânime, elas relataram que lançaram mão de Google Forms, PowerPoints, textos em PDF, Google Meet, músicas e vídeos na execução do Estágio Supervisionado.

As estagiárias têm a percepção de que o Estágio Supervisionado prepara os alunos para a plena cidadania, sendo, portanto, de fundamental importância para a carreira delas, porém identificam dificuldades no aprendizado, inadequações no uso da tecnologia – única maneira neste momento de se realizar o trabalho, em razão da Covid-19 –, sendo, embora necessário, permeado por dificuldades e desafios. Ressaltam Collombo e Ballão:

A função do estágio é reforçar o aprendizado profissional do educando através da experiência prática. Esta se torna ainda mais proveitosa quando está ligada à realidade econômica em que a escola está inserida, pois, com a interação – entre o aluno, a empresa e a escola –, há um ganho pedagógico para todos, visto que grande parte da bagagem teórica da sala de aula vai de encontro à situação concreta e do cotidiano, no mundo econômico real. Dialeticamente, o confronto com esta prática fará repensar algumas teses ou teorias, a serem refutadas ou rearranjadas para a sala de aula; ou ainda, o aprendizado é reforçado pela adequação entre teoria e prática (COLOMBO; BALLÃO, 2014, p. 173).

O Estágio Supervisionado tem a finalidade de preparar o discente para a carreira, ao mesmo tempo em que mostra a realidade social dos alunos que receberão seu trabalho. Faz-se, então, necessário que o estagiário intervenha naquela comunidade no sentido de melhorá-la e contribuir para seu desenvolvimento e avanço. O estagiário acaba se tornando mais que um professor. Um agente social. E ele deve estar a serviço daquela comunidade e disposto a operar mudanças. Na perspectiva de Scalabrin e Molinari:

O aprendizado é muito mais eficiente quando é obtido através da experiência; na prática o conhecimento é assimilado com muito mais eficácia, tanto é que se torna muito mais comum ao estagiário lembrar-se de atividades durante o percurso do seu estágio do que das atividades que realizou em sala de aula enquanto aluno. Na efetiva prática de sala de aula, o estagiário tem a possibilidade de entender vários conceitos que lhe foram ensinados apenas na teoria. Por isso, o estudante deve perceber no estágio uma oportunidade única e realizá-lo com determinação, comprometimento e responsabilidade. Seria apenas um desgaste caso não houvesse interesse em aprender e preparar-se para a futura profissão (SCALABRIN; MOLINARI, p. 2).

Partindo para os conteúdos que devem ser desenvolvidos e compartilhados com os alunos, é importante ressaltar o pensamento de Geraldi no que diz respeito à recepção do texto, levantada pelas estagiárias:

Um texto é sempre uma possibilidade dentre múltiplas possibilidades (...) Não por acaso, a personagem de José Saramago de *História do Cerco de Lisboa*, o revisor, afirma que todo revisor sabe que um texto nunca está pronto e sempre pode vir a ter outra forma. (...) De um lado, o texto traz o perigo da instabilidade; de outro lado, o texto é um lugar privilegiado para construir estabilidades sociais. Não há escapatória: no ensino de língua materna, o texto há que estar presente (GERALDI, 2006, p. 21-22).

Mais que uma mera sugestão ou possibilidade, a presença do texto nas aulas de Português no Estágio faz-se imprescindível no sentido de provocar nos alunos a discussão, a interpretação e a interação entre autor-texto, entre texto-sociedade etc.

É válido também destacar o que reza a LDB (Lei nº 9394/96 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional) no tocante à Prática de Estágio Supervisionado:

TÍTULO VI

Dos Profissionais da Educação

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:

Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos:

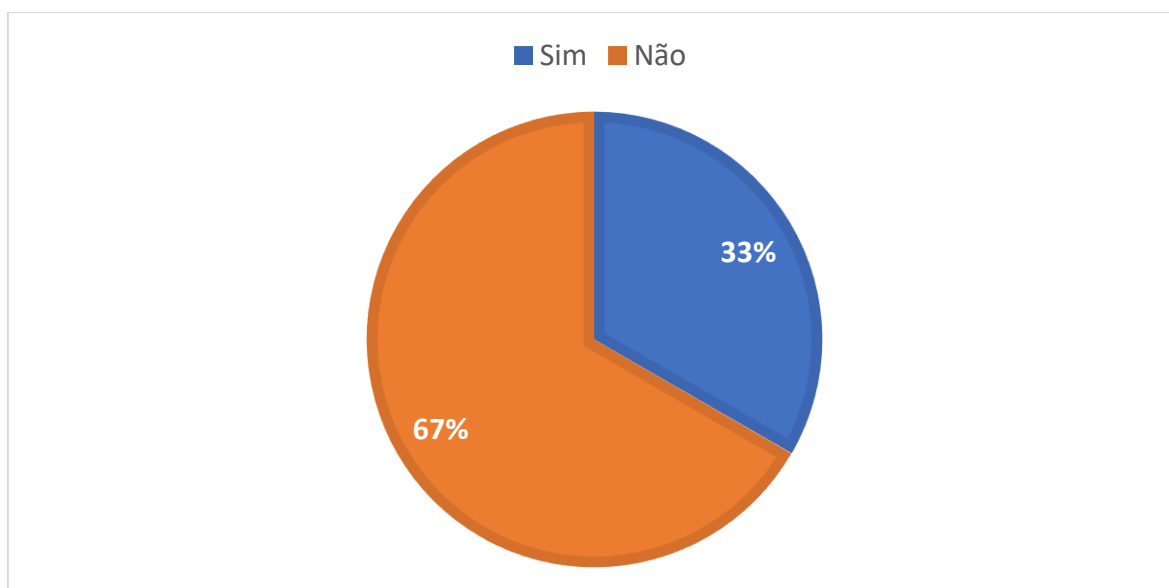
- I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;
- II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;
- III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades. (BRASIL, 1996)

Interessante ressaltar que a lei já preconiza que a prática de estágio pauta a vida profissional do educador visando a sua capacitação e aperfeiçoamento para o magistério, sendo parte essencial de sua formação.

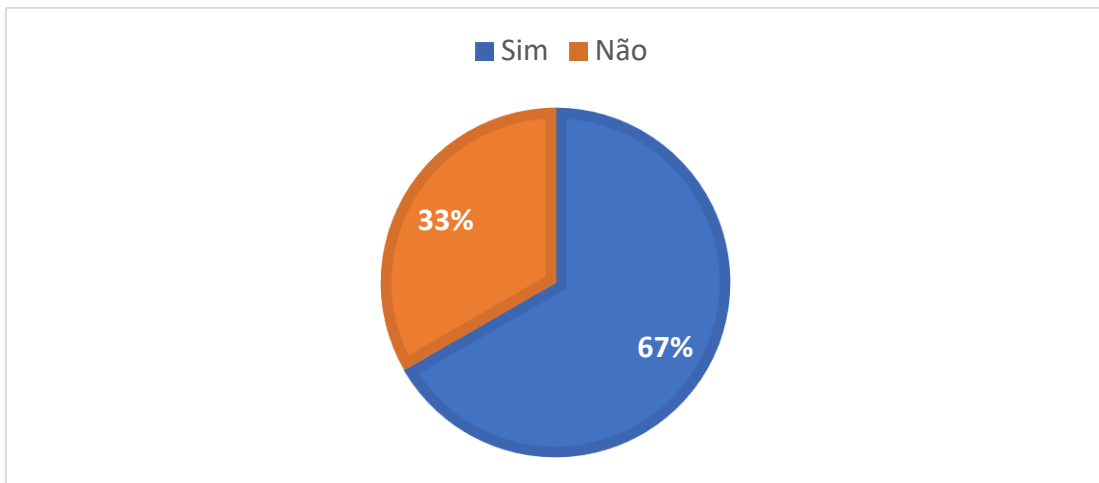
As dificuldades constatadas durante a orientação do estágio na universidade de Sergipe e as inquietações dela decorrentes instigaram-me à formulação do problema desta pesquisa. Contudo, é preciso considerar que se trata de realidades distintas: estados, cidades, instituições, escolas onde o estágio é realizado, enfim, situações diferentes que requerem soluções específicas, por esta razão, penso, esta investigação é pertinente.

Quando de minhas visitas, quando lá lecionei, a meus estagiários da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em Aracaju e em São Cristóvão, onde está localizada a sede da universidade, percebi muita disparidade social: algumas escolas se encontravam em ótimas condições e em bairros estruturados, mas, por outro lado, deparei-me com outras, periféricas, que ofereciam a EJA – Educação de Jovens e Adultos – em condições físicas lamentáveis, inclusive, segundo relatos de alunos e professores, foram levantados os crônicos problemas de infraestrutura e de segurança não apenas da escola, mas da localização, de uma forma geral.

1 - No período em que você estagiou, você trabalhava?



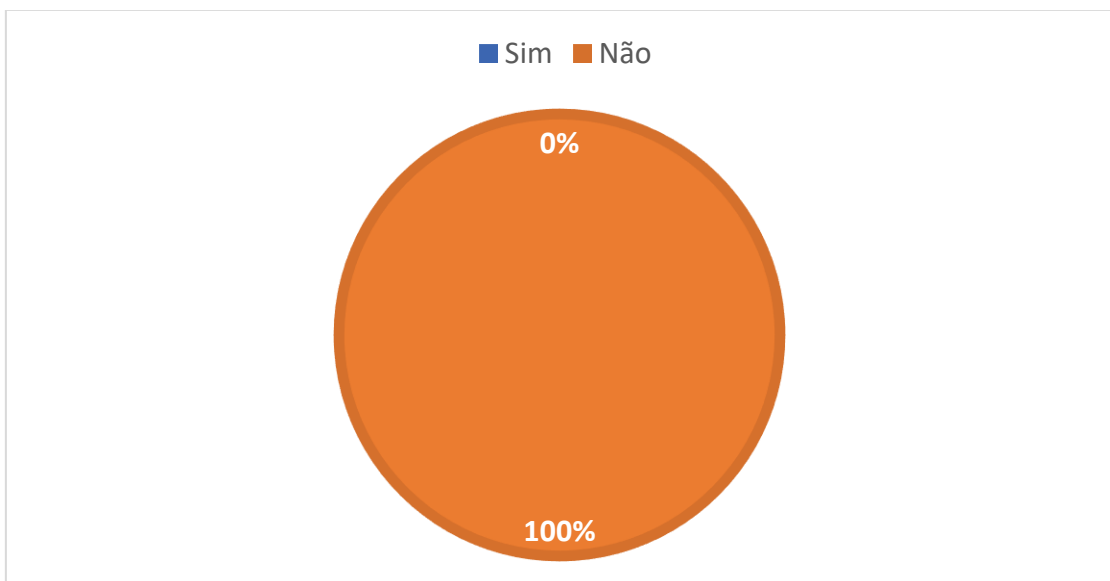
2 - Você recebia bolsa no período do estágio?



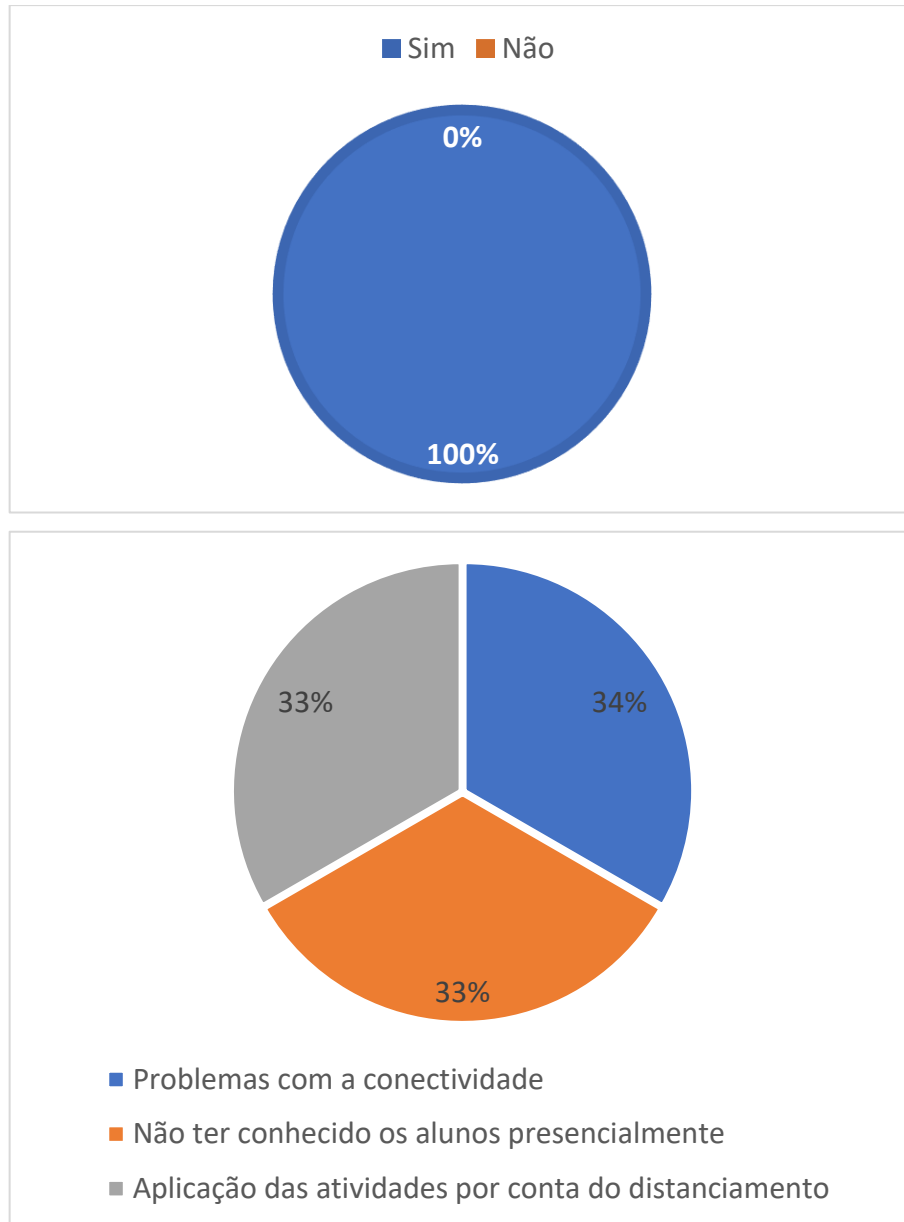
3 - Você conhecia a escola onde iria estagiar?



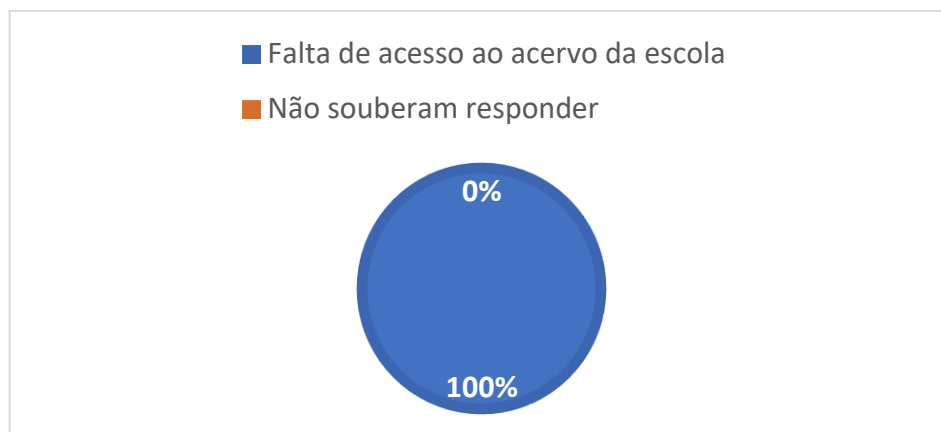
4 - O estágio foi realizado de modo presencial?

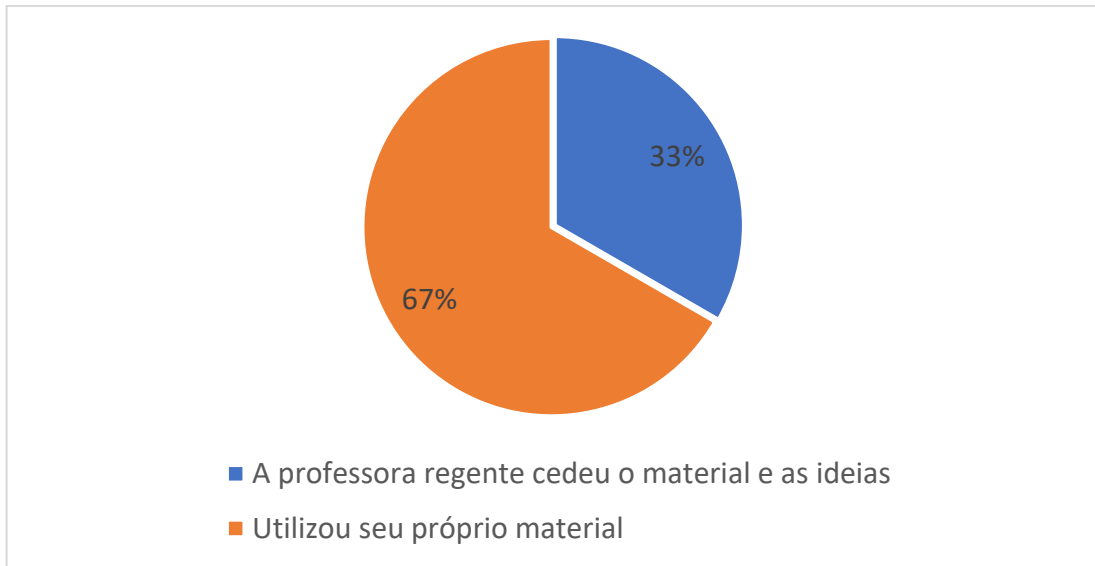


5 - Você vislumbrou obstáculos na execução do estágio? Se sim, quais?



6 - Em relação ao material para a prática do estágio, o que você destacaria?

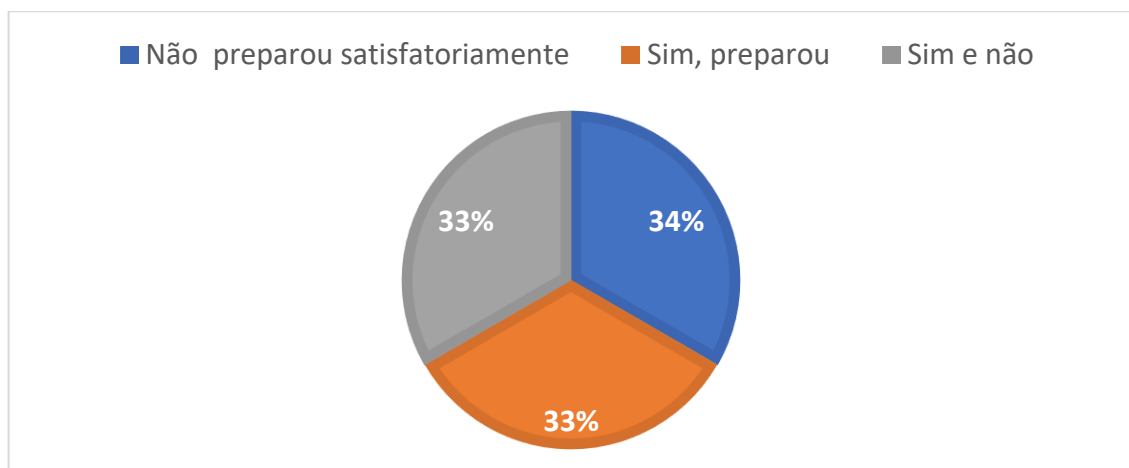




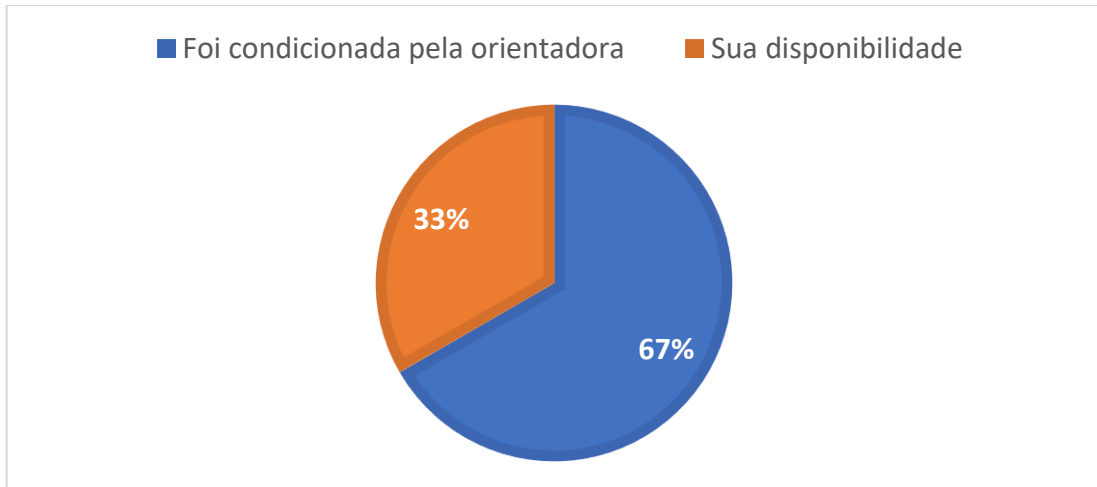
7 - Você considera que houve um diálogo estreito com a professora regente, no sentido de mediar eventuais conflitos e solucionar problemas?



8 - Você considera que a universidade te preparou satisfatoriamente para a execução do Estágio Supervisionado?

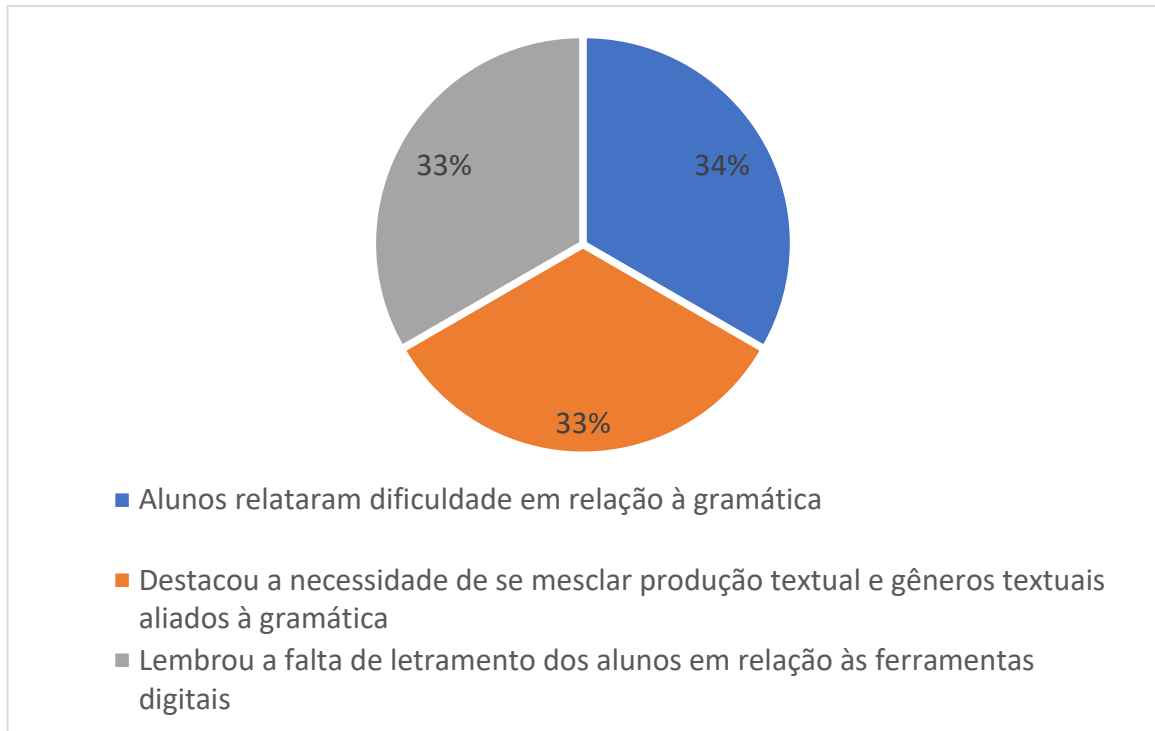


9 - Como se deu a escolha em relação à escola onde você estagiou?



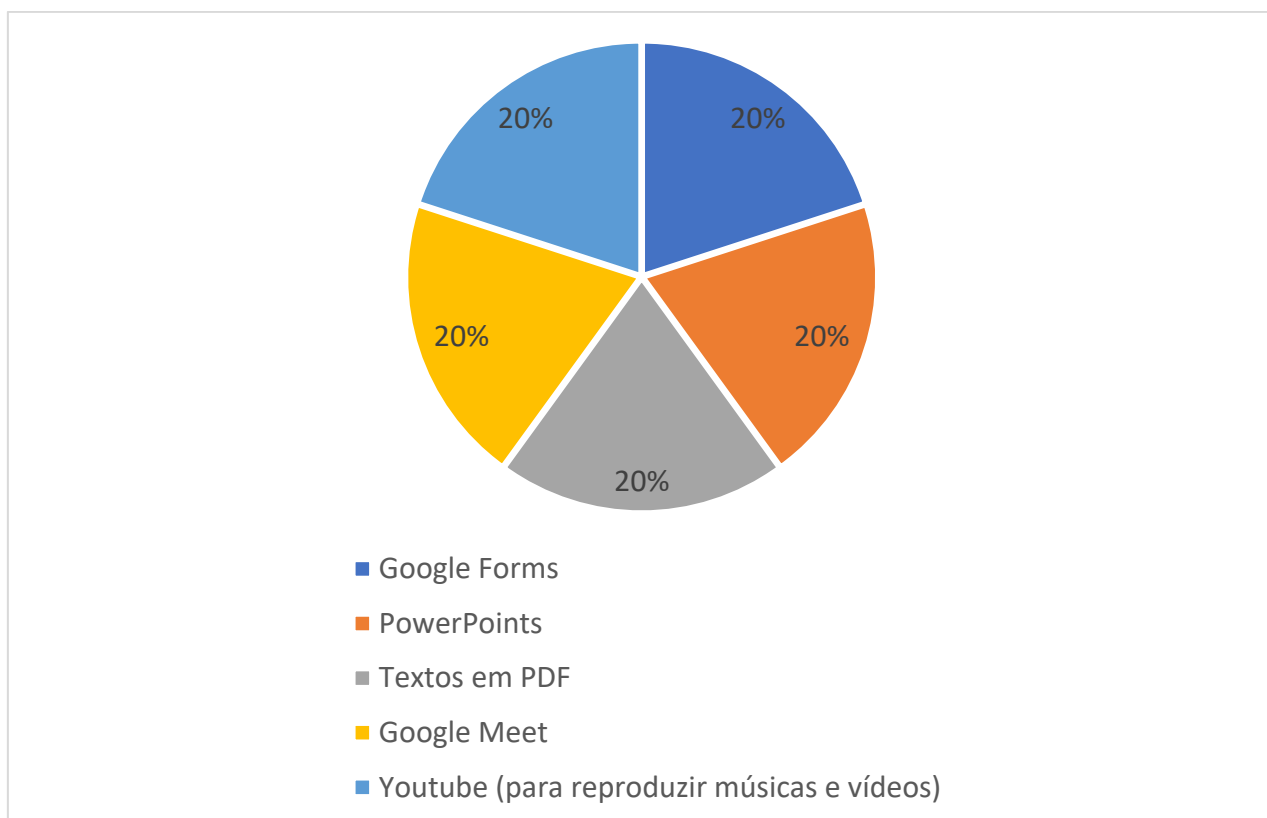
10 - Você reconhece a importância de se mesclar à prática a Gramática Normativa e TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) à realidade do aluno? O que destacaria a esse respeito?





11 - Em sendo o estágio realizado de forma remota, você usou as ferramentas digitais na execução do trabalho? Quais?





6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência deste trabalho é algo indescritível. Cada autor, cada obra, cada pensamento ajudou-me a iluminar caminhos ainda não descobertos, a refletir e a ponderar acerca da responsabilidade de se conduzir a prática de estágio, além das estratégias acessíveis ao educador.

É válido destacar que este trabalho não é definitivo. Mudanças poderão ocorrer no desenvolvimento do Produto, novas ferramentas poderão ser abordadas, enfim, outras possibilidades e outros referenciais poderão ser vislumbrados daqui por diante.

O fato de estarmos no meio de uma pandemia de Covid-19, por um lado, limitou o contato presencial que a educação requer, o “olho no olho” entre educando e educador; por outro, fez o profissional refletir e repensar seus métodos, com recursos e possibilidades que permitem ao educador a execução do trabalho sem que se perca de vista a qualidade. As redes sociais, aplicativos, grupos de WhatsApp etc. mediarão o ensino e fizeram com que o processo educacional no Brasil e no mundo não parasse, mas passasse por adaptações e ajustes à realidade dos nossos alunos e professores. Lamento bastante saber que muita gente procurou, neste período pandêmico, desmerecer e desqualificar o trabalho dos professores, como se

estivéssemos estagnados e repousando em casa. Muito pelo contrário: nunca o professor teve de trabalhar tanto, nunca teve de se reinventar, além de aprender a manipular redes sociais, programas de computador, filmar aulas para postagem etc. como agora. É válido lembrar que todo esse trabalho – que antes da pandemia não tínhamos – não se reflete necessariamente em aumento salarial.

Cada ideia discutida nas aulas, nas *lives* promovidas pelas universidades, dentre elas a UNEB, cada fala apresentando uma reivindicação ensinam bastante – reparações de cunho histórico, como políticas para a população negra, que precisa acessar a universidade e o mercado de trabalho; os quilombolas, exigindo mais que respeito, iniciativas que contemplem sua tradição e seus conhecimentos como construtores da identidade brasileira; a luta da comunidade LGBTQIA+, destacando a importância de receberem a dignidade que merecem para além dos muros das universidades, visando à plena cidadania. São vozes que ainda ecoam em mim na medida em que a passividade dos alunos vai sendo substituída pela análise crítica da realidade que reivindica não privilégios, mas direitos nem sempre observados. Ficou muito nítido para mim, desde o princípio do curso, que a pesquisa sobre a prática do Estágio, suas eventuais barreiras – ainda mais num contexto de pandemia como o de agora, não se encerra nas bibliografias nem nas vozes das estagiárias e professoras entrevistadas, embora estas sejam fundamentais para se compor o trabalho investigativo. O corpo acadêmico pulsa permanentemente, é vivo na medida em que percebe distorções, injustiças e desvalorizações que precisam ser corrigidas. Há a observação da subalternidade, quando deveria haver equidade. E respeito e cidadania, em lugar de discriminação e preconceito ao que é considerado “diferente”.

O Programa de Pós-Graduação que ora encerro ensinou-me, para além de autores, além de se estudar para exames e realizar trabalhos a fim de se obter uma nota, que a instituição é importante e forte na medida em que luta numa conscientização coletiva. Enquanto as vitórias não vêm, faz-se necessária a resistência – ou seja, a consciência de que algo está fora do lugar, e aquilo é inaceitável. Lutar é também resistir.

Nunca as universidades, os diretórios acadêmicos, os sindicatos de professores, os cursos de graduação e pós-graduação foram tão fundamentais como atualmente. Primeiro, porque precisam driblar as dificuldades impostas por uma crise sanitária que está nos legando milhares de contaminados e mortos pelo Novo Coronavírus, como ressaltado anteriormente, obrigando professores e alunos a se reinventarem (neste contexto adverso e desconhecido) e a manejarem novos meios para que o processo educacional não fosse interrompido, dada a obrigação do distanciamento social em razão da letalidade do vírus; depois, porque poucas

vezes assistimos no Brasil como agora o sucateamento e o esvaziamento da cultura, a demonização dos grandes artistas do presente e do passado, o vilipêndio contra os espaços acadêmicos, a inacreditável ignorância de ministros de Estado que atrapalham o desenvolvimento do saber institucional, o desprezo aos educadores, e o investimento caindo drasticamente para a pesquisa e para ciência, conforme revela o noticiário em nosso cotidiano. Nós, alunos e professores, estamos no campo de batalha pelo progresso, por melhorias. Nas trincheiras dignas que não podem triunfar fora do pensamento político.

Foi um grande aprendizado este programa, que considero de altíssimo nível, tanto pela relevância do currículo quanto pelo desempenho dos docentes, do qual saio mais consciente e com mais força para enfrentar essas problemáticas e não abandonar a luta por um país mais justo – e fora da educação e da ciência, esse amadurecimento não virá. Não ocorrerá por encanto ou por passe de mágica.

Concluo dizendo que esta pesquisa não se esgotou. Temos de estar abertos à inovação e aos novos paradigmas educacionais para cumprirmos bem aquilo que, enquanto professores, propusemo-nos a fazer.

TEXTO-SÍNTESE SOBRE O PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional é o fruto de todo o processo do curso. Requer uma aplicabilidade, uma transferência. Na perspectiva de Rôças, Moreira e Pereira (2018, p. 61), “a modalidade profissional necessita estabelecer uma interlocução com demais setores da sociedade, extrapolando os muros da academia”. Parte-se do pressuposto, portanto, de que o Mestrado Profissional se completa com a elaboração e efetividade deste Produto, sendo ele o resultado da pesquisa. A CAPES, através do Relatório do Grupo de Trabalho Produção Tecnológica (BRASIL, 2019b), inclui como possibilidade deste resultado, no tópico II, “Curso de formação profissional: atividade de capacitação criada e organizada, inclui cursos, oficinas, entre outros”.

Pretendo ofertar um curso de capacitação referente à minha experiência enquanto pesquisador na área de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa. O público-alvo são professores que recebem estagiários e estudantes que pretendam investigar a prática de estágio em programas de pós-graduação e se aprofundar na teoria bibliográfica e na práxis em sala.

Será um momento de troca de saberes e experiências no sentido de fomentar o estudo e o interesse pela temática que decidi pesquisar no PPGELS.

Para a divulgação do referido curso, pretendo me valer das redes sociais, das emissoras locais de rádio e sites noticiosos. Como sou professor contratado do município de Caetité, e tendo acesso a muitos colegas da área de Letras, gostaria de agendar uma conversa com a secretária da Educação da cidade, Maria José Couto Gonçalves, para apresentar a proposta e solicitar que a Prefeitura a apoie, patrocinando, dentro de suas possibilidades, e divulgando o curso.

O debate e o estudo a respeito do Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa devem ser ampliados para além da universidade, e penso que este curso de formação que ministrarei poderá contribuir para este intento.

A oficina foi pensada justamente no sentido de compartilhar saberes, experiências e dificuldades verificados ao longo de minha pesquisa. Creio ser válida para profissionais que atuam em sala de aula e que poderão receber estagiários oriundos da Universidade do Estado da Bahia – Campus VI – Caetité. A oficina é a consequência de todos esses anos que venho estudando e escrevendo a respeito do Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa, sendo a culminância desta investigação.

O público-alvo são profissionais da Educação voltados para a Língua Portuguesa e Literatura, mas estará disponível para profissionais de demais disciplinas que se interessem ou mesmo pesquisem a respeito da prática do Estágio Supervisionado. As despesas oriundas da oficina serão custeadas pelo mestrando, não sendo cobrada qualquer taxa para os participantes.

A oficina visa, também, apresentar as rotinas da prática pedagógica no sentido de acompanhar o (a) estagiário (a), passar-lhe a segurança necessária para que ele (ela) possa desenvolver a atividade de modo satisfatório. Trata-se, portanto, de um trabalho conjunto entre professor regente, estagiário, alunos e professor que o receberá.

Esta oficina justifica-se na medida em que pretende dar um suporte teórico e prático para os atores envolvidos no processo do Estágio Supervisionado, oferecendo a eles caminhos

e possibilidades para executar bem esta atividade, que, para além de ser obrigatória no currículo, seja prazerosa e dinâmica.

O referido Produto passará pela apreciação da Banca do Mestrado, podendo ser aprovado; em seguida, deve ser registrado na biblioteca da Universidade do Estado da Bahia – Campus VI – Caetité, cuja disponibilidade será irrestrita, mantendo-se o respeito pela autoria do produto, não sendo permitido uso comercial a terceiros. O URL estará acessível no site do PPGELS de maneira gratuita. O idioma será Língua Portuguesa, deve ser realizado no município de Caetité, Bahia, Brasil, no ano de 2021, no seguinte site: <http://www.ppgels.uneb.br/index.php/tesesdissertacoes/>

Tive a oportunidade de verificar no período do estágio o público-alvo (no caso, os alunos dos ensinos Fundamental e Médio) ansioso por novas dinâmicas e estratégias de aprendizado; estagiários inseguros e preocupados; e professores regentes, por sua vez, disponíveis em acompanhar e orientar, dentro de suas possibilidades, o graduando para a prática, mesmo que surjam dificuldades na rota. Posso dizer que o estágio acaba se impondo como um grande desafio para todos nós, educadores.

Em suma, penso que esta oficina possa somar e contribuir para o pleno êxito da atividade de estágio no sentido de dialogar e preparar o professor que receberá o estagiário para o desafio que é trabalhar com estagiários em sua sala.

Entendo que esta oficina funcionará como Atividade de Extensão – formação continuada, cuja finalidade é atualizar o profissional, rever metodologias, acrescentar práticas exitosas para que todos os envolvidos possam acompanhar as mudanças pelas quais a educação vem passando e pensar novas estratégias que efetivamente funcionem no espaço educacional.

Serão, como dito anteriormente, elaborados cards para divulgação desta oficina. Nesta tarefa, me ajudará o profissional Bruno Rayan, que desenvolverá a arte. Poderá ser oferecido um certificado de participação de curso, cuja carga horária seria de 20 horas.

Julguei relevante a presença de obras literárias em cada oficina devido à intersecção entre Literatura e estágio, no sentido de apresentar aos participantes poesias de autores consagrados na nossa literatura que poderão, inclusive, compor os planos de aula dos

estagiários, e que poderão culminar num debate e reflexão sobre a temática abordada pelos poemas.

Como material de apoio serão disponibilizados slides, folhas impressas, retroprojeter e vídeos.

As oficinas serão oferecidas em três encontros e ocorrerão da seguinte maneira:

1º. Encontro: O ESTÁGIO: TEORIA E PRÁTICA

- Leitura do poema *Canção para os Fonemas da Alegria*, dedicado a Paulo Freire, de Thiago de Mello (1983);
- Dinâmica e socialização com os participantes;
- Apresentação do mestrando e a intenção da oficina;
- Apresentar vídeo da professora Dr^a Ivani Fazenda destacando a necessidade da Interdisciplinaridade, disponível no YouTube.
Link: <https://www.youtube.com/watch?v=EMdSA2ksplU>
- Discutir o Estágio na perspectiva de Fazenda (2014); Kulscar (2014); e Pimenta e Lima (2021).

Tempo de duração estimado: 3 horas.

2º. Encontro: O ESTÁGIO NA PERSPECTIVA DO ALUNO, PROFESSOR E MESTRANDO TEOTÔNIO JÚNIOR

- Leitura do poema *Ensino*, de Adélia Prado (2015);
- Será apresentada minha experiência pessoal enquanto estagiário, professor regente de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa na UFS (Universidade Federal de Sergipe, *Campus* São Cristóvão) e mestrando do PPGELS – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade da UNEB – (Universidade do Estado da Bahia, *Campus* VI – Caetité).
- Socialização das experiências e perspectivas dos participantes em relação ao Estágio Supervisionado;

Tempo de duração estimado: 2 horas

3º. Encontro: ESTAGIÁRIOS DE ONTEM E DE HOJE

- Leitura do poema *Todas as Vidas*, de Cora Coralina (2014);
- Destacar as experiências coletadas nas entrevistas feitas por duas professoras que lecionaram há alguns anos em Caetité (Dona Valdeci e Dona Jandira) em contraposição às estagiárias que realizaram o estágio neste ano. Aspectos principais, experiências, dificuldades e a importância que a prática exerceu em todas as pessoas ouvidas para sua formação acadêmica e profissional.

Tempo de duração estimado: 3 horas

4º. Encontro: CULMINÂNCIA DO TRABALHO

- Leitura do poema *Mãos Dadas*, de Carlos Drummond de Andrade (1999);
- Serão levantadas propostas para acolhimento e recepção de novos estagiários e desenvolvimento de atividades dinâmicas;
- Serão elaborados e discutidos planejamento de cursos. Estratégias viáveis para a realização da prática de estágio de modo pleno e que atenda à necessidade dos alunos, tanto da escola quanto dos graduandos da universidade;
- Agradecimentos aos participantes.

Tempo de duração estimado: 3 horas

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel (Coord.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 2005.

AMORIM, Antonio.; LIMA JR., Arnaud Soares de; MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. **Educação e contemporaneidade - Processos e metamorfoses**. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 43ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1999.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre**. Imagens e Auto-imagens. 5ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR10520: informação e documentação - apresentação de citações em documentos**. Rio de Janeiro, 2001.

_____. **NBR14724: informação e documentação – trabalhos acadêmicos - apresentação**. Rio de Janeiro, 2001.

_____. **NBR6023: informação e documentação - referências - elaboração**. Rio de Janeiro, 2000.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas e GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e Estágio Supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BORDENAVE, Juan Díaz e PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de Ensino-aprendizagem**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes.

BRASIL. Lei nº 11.788. **Lei do Estágio Supervisionado**. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.h>. Acessado em 1º de agosto de 2020.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais (Ensino Médio) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2000.

BUNZEN, Clecio e MENDONÇA, Márcia. [Orgs.] **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CAMPOS, S.; PESSOA, V. Discutindo a formação de professoras e de professores com Donald Schön. In: Geraldini, C.; Fiorentini, D.; Pereira, E. M. A. (Orgs.). **Cartografias do trabalho docente**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 183-206.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 2014.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

COLOMBO, Irineu Mario; BALLAO, Carmen Mazepa. **Histórico e aplicação da legislação de estágio no Brasil**. Artigo publicado em *Educar em Revista*, nº 53, p. 171-186. Editora UFPR: Curitiba, julho-setembro de 2014.

Currículo Lattes da professora Dra. Aparecida de Fátima Brasileiro. <<http://lattes.cnpq.br/6891740898180014>>

FAGUNDES, Tatiana Bezerra. Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo: perspectivas do trabalho docente. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 65, p. 281-298, jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782016000200281&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 de janeiro de 2019.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **O papel do estágio nos cursos de formação de professores.** (in *A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado*). 24ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2014.

FOGAÇA, Jennifer. **Professor reflexivo.** Portal “Brasil Escola”. Canal do Educador. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/professor-reflexivo.htm>>. Acesso em 03 de setembro de 2020.

FONTANA, Maire Josiane e FÁVERO, Altair Alberto. Professor reflexivo: uma integração entre teoria e prática. **REI – Revista de Educação do Ideau.** V. 8. N. 17, junho de 2013. Acesso em 15 de janeiro de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAG, Barbara. **O indivíduo em formação.** Coleção Questões de Nossa Época. 2ª. ed. Cortez, 1994.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor - Paulo Freire e a paixão de ensinar.** 1a. ed., São Paulo: Publisher Brasil, 2007. Pgs. 11 -12. (E-book.)

GAGNÉ, R. M. **Como se realiza a aprendizagem.** Rio de Janeiro: LTC, 1971.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda Shimidt. A pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas.** São Paulo.V.35, n 4, p.65-75- Mai/Jun. 1995.

KLEIMAN, Ângela B. [Org.] **A Formação do professor – Perspectivas de linguística aplicada.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

KULSCAR, Rosa. **O Estágio Supervisionado como atividade integradora.** (in *A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado*). 24ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2014.

LARA, Glaucia Muniz Proença (Org). **Lingua (gem), texto, discurso – Entre a reflexão e a prática.** Fale, UFMG. Belo Horizonte: Lucerna, 2006.

MELLO, Thiago de. **Faz escuro, mas eu canto.** 9ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

NAVARRO, María G. **Los nuevos entornos educativos: desafíos cognitivos para una inteligencia colectiva.** Artigo publicado em *Comunicar – Revista Científica Iberoamericana de Comunicación y Educación*, nº 33. ISSN: 1134-3478. (Tradução do autor). Andalucía, España: Arce, outubro de 2009.

NEVES, José Luís. **Pesquisa qualitativa** – Características, usos e possibilidades. Cadernos de Pesquisas em Administração. São Paulo: v. 1, nº 3, 2º Sem., 1996.

NOGUEIRA, Marlice de Oliveira. **O currículo no centro da luta. Contribuições de Michel Apple para a compreensão da realidade escolar.** In: *Revista Espaço do Currículo*. Vol. 12, nº. 1, pg. 124. João Pessoa: jan/abril 2019.

NÓVOA, Antonio. **Profissão professor**. 2ª. ed. Organização de Antonio Nóvoa. Coleção Ciências da Educação. Porto Editora. Pgs 28-29, 1995.

PALMEIRA, Maria José de Oliveira. **Educação e contemporaneidade**, Pgs. 324 – 325, 2009.

PEREIRA, Áurea da Silva e VILELA, Marcos Antonio Maia. (Org.) **Letramento no Estágio Supervisionado e formação de professores**. Salvador: Eduneb, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido e GHEDIN, Evandro (Org). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7ª ed. Coleção Docência em formação (Série Saberes pedagógicos). São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e pesquisa**, São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 31, n. 3, pp. 521-539, set./dez. 2005.

_____. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma G.; GHEDIN, Evandro (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. (Pp 17 e 52). São Paulo: Cortez, 2010.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. 7ª. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2015.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco [org.] **Docência na Educação Básica**. Salvador: Eduneb, 2015.

RIZZATTI, I.M; MENDONÇA, A. P.; MATTOS, F.; RÔÇAS, G.; SILVA, M.A.B.V. da; CAVALCANTI, R.J.S; OLIVEIRA, R.R. **Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores**. ACTIO, Curitiba, v. 5, nº 2, p. 1-17, maio/agosto de 2020.

RÔÇAS, Giselle; MOREIRA, Maria Cristina do Amaral; PEREIRA, Marcus Vinícius. “Esquece tudo o que te disse”: os mestrados profissionais da área de ensino e o que esperar de um doutorado profissional. **Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista**. Vol. 8, n. 1, jan./jun. 2018, p. 59-74. Disponível em <https://www.academia.edu/37130200/_Esquece_tudo_o_que_te_disse_os_mestrados_profissionais_da_%C3%A1rea_de_ensino_e_o_que_esperar_de_um_doutorado_profissional> Acesso em 28 Nov. 2021.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Mestres da Literatura Contemporânea. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 1984.

SACRISTÁN, José Gimeno. **El valor del tempo en educación**. Madrid: Ediciones Morata, 2008.

SANTOS, Helena Lima. **Caetité, pequenina e ilustre**. 2ª. ed. (Não há indicação da editora), 1997.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 32ª. ed. Polêmicas do Nosso Tempo. Campinas (SP): Autores Associados, 1999.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. **A importância da prática do Estágio Supervisionado nas licenciaturas**. Artigo. S/d.

SCHÖN, D. **The reflective practitioner**. Nova York: Basic Books, 1983.

_____. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: Nóvoa, A. (Org.). Os professores e a sua formação. (Pp. 79 e 91). Lisboa: Dom Quixote, 1992.

Site “Consultoria Primeira Infância”. Entrevista com José Manuel Moran. <<http://consultoriaprimeirainfancia.com/entrevista-com-jose-moran-falando-sobre-o-futuro-da-escola-e-a-escola-do-futuro/>> S/d. (Acesso em 16.10.2021)

TEIXEIRA, Anísio. **A educação e a crise brasileira**. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Coleção Atualidades Pedagógicas, vol. 64. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1956.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. 2ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA E PERFIL DA PROFESSORA DRA. APARECIDA DE FÁTIMA BRASILEIRO, REGENTE À DISCIPLINA ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CAMPUS VI - CAETITÉ

Aparecida de Fátima Brasileiro, que havia sido minha professora de Literatura Brasileira na Graduação no curso de Letras na Universidade do Estado da Bahia – UNEB *Campus VI* e que me orientou no TCC, cujo tema foi A Escrita em Clarice Lispector, é, atualmente, docente de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa na referida instituição, cuja investigação norteia este trabalho.

Possui doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), é mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). É especialista em Ensino da Língua Portuguesa através da Literatura, promovido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Possui graduação em Letras/Português-Inglês pela Universidade do Estado da Bahia (2005) e graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (2001). Na área profissional, atuou na Educação Básica por 17 (dezessete) anos como professora de educação infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, e também como Formadora de Professores no Programa Gestão da Aprendizagem Escolar - GESTAR. Atualmente, é professora assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Coordenou o Subprojeto PIBID/CAPES/UNEB “As Múltiplas Linguagens na Formação Docente” (2014-2016). A profissional tem interesse por temáticas referentes às áreas de Letras e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de Língua Portuguesa, Leitura Literária e Formação do Leitor, Letramento, Letramento Literário, Sequências Didáticas, Gêneros Textuais, Literatura, Livro Didático, Estágio Supervisionado e Formação Docente. É membro do Grupo de Pesquisa Escrita e Leitura na Contemporaneidade da UFSCAR e tem experiências com formação continuada de professores de Ensino Fundamental II e Médio

A referida profissional colaborou com esta pesquisa respondendo a um questionário que elaborei, relacionado à sua atuação na prática de Estágio Supervisionado.

Há quanto tempo a sra. trabalha com a disciplina Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa?

A primeira turma onde lecionei Estágio foi em 2007, em Caetité. Catorze anos.

Quais aspectos a sra. destaca como importantes na prática do estágio para os alunos?

É muito amplo. De uma forma geral, o que eu considero importante seria justamente os alunos conhecerem um pouco a realidade dos alunos das escola em que eles vão observar, terem uma base teórica significativa, para que eles possam, a partir da realidade do aluno, associar essa base teórica e produzir uma prática significativa, terem disciplina, serem comprometidos no desenvolvimento das atividades, terem criatividade para produção das atividades também de acordo com o contexto, serem curiosos para promoverem pesquisas de práticas metodológicas significativas e, a partir disso, eles construirão as suas próprias práticas.

Quais metodologias a sra. desenvolve em sala na orientação dos seus alunos?

Não há uma regra específica. Cada componente curricular é único e cada turma é única. Dessa forma, as atividades são propostas a partir do conhecimento da realidade e da minha turma. Então, como eu trabalho com Estágio desde 2007, as turmas vão se modificando, as dificuldades dos alunos também são outras e, aí, a gente vai, a partir disso, criando atividades, criando metodologias. Geralmente, eu foco na questão teórica. A teoria, geralmente, depende de qual estágio, se é o I e II – há tempo suficiente para se aprofundar nessas questões –; o III e IV não dá muito tempo. Aí a gente vai para a prática – práticas simuladas ou processo de investigação das turmas que serão observadas, entrevistas com docentes – alguns docentes específicos, onde eles trazem um pouco a realidade deles, é feita elaboração de sequências didáticas, produção de atividades... Não há uma receita. Depende muito dos questionamentos e das indagações das turmas.

Considera importantes visitas às escolas onde seus alunos executam o Estágio Supervisionado?

A visita é importante, sim. Infelizmente, como as turmas são maiores, não tem como – muitas vezes – o professor visitar mais de uma vez, mas é muito importante porque, através da visita, eu vou conhecer a realidade daquela escola; eu vou ter contato com o professor regente; eu vou conversar com aquele professor e verificar algumas dúvidas, algumas proposições que ele tem; como está o diálogo entre ele e o estagiário; como está o contato entre o estagiário e o aluno e com a comunidade pedagógica; de que forma está acontecendo o processo de interação; quais as propostas pedagógicas ou projetos que o professor está desenvolvendo, que o aluno pode fazer, como a gente pode contribuir com isso. Então, sem a visita a gente não consegue fazer esse diálogo. A visita é significativa, é importantíssima para que a gente possa dar procedimento à atividade e fazer com que a prática de estágio contribua não só com o estagiário, mas, também, com a comunidade que está recebendo esse estagiário.

No período em que os alunos estão em sala, é recorrente que eles apresentem à sra., enquanto professora titular, dificuldades e empecilhos que eles encontram na prática deles nas escolas?

Na verdade, os períodos são diferenciados. Então, num primeiro momento, é para a gente dialogar porque a gente não sabe como vai ser. Depois, é o momento de eles trazerem todas as dúvidas e todas as inquietações de como estão as atividades, e, com isso, aparecem muitas dificuldades, inquietações, angústias, alguns problemas, e a partir disso a gente vai buscando mudanças, porque foi feito o planejamento de uma proposta, mas, o que acontece? “Essa proposta não deu certo”, “essa prática não deu certo”; esse planejamento é flexível. Nós vamos analisar como fazer esse planejamento de uma forma mais significativa para que possa dialogar de uma forma melhor com os alunos. Então, o momento de sala de aula é justamente para isso. Posteriormente, há um momento de reflexão para se verificar se essa troca, se essas propostas de mudanças foram positivas ou não. É uma constante reflexão.

Quando os seus alunos vão escolher as escolas onde deverão atuar, existe alguma resistência por parte do professor que o receberá ou seus alunos são bem-recebidos?

Na verdade, não há resistência porque, antes de eles irem para a escola, a gente conversa com os professores, explica, fala, conversa sobre a turma, verifica qual é a turma que ele tem disponibilidade, se ele tem interesse. Se ele não tiver interesse, a gente não vai enviar o aluno para o professor. O aluno-estagiário não vai para o professor sozinho, do nada, sem antes haver

uma conversa entre o professor da UNEB e o professor regente. Então, a partir do momento em que ele permite, já abre as portas para a UNEB e nossos alunos vão com a expectativa de como vai ser, mas não me recorro de nenhum momento, de alguma situação em que nossos alunos não foram bem-recebidos. Eles aprendem muito com o professor regente. É um momento único, é um momento de troca, de diálogo. Agora, na pandemia, está sendo uma prática diferenciada. Não foi um estágio presencial, a gente nem dá esse nome, a gente modifica, mas eles aprenderam muito. Foi bem significativo também.

Ao término do estágio, o público para quem seu aluno estagiou geralmente manifesta sua percepção em relação ao trabalho que foi desenvolvido na escola? Em caso afirmativo, essas observações são positivas ou negativas?

Geralmente, os alunos têm uma aceitação, sim. Os professores comentam que gostaram. Os alunos, geralmente, falam sobre isso, elogiam as propostas, elogiam as atividades, solicitam que eles continuem, avaliam positivamente as atividades. Então, o *feedback* é positivo. Claro que a gente sabe que há muita coisa que a gente precisa melhorar, a gente sabe que “ah, se a gente tivesse mais tempo...”, “ah, se a gente tivesse material...”, “ah, se isso pudesse ser feito...”, não podemos considerar que as práticas sejam cem por cento positivas, mas essa atenção de diálogo, de troca, de avaliar positivamente, acontecem, sim.

Enquanto professora regente, a sra. analisa como proveitoso ou insuficiente o rendimento de seus alunos na prática de estágio?

Isso depende da turma. Na maioria das vezes, o rendimento é positivo, sim. Claro que nós temos alunos que têm dificuldades, nós temos alunos que têm alguns problemas, mas a maioria é positiva. Eles contribuem muito, eles têm muita força de vontade, esperam muito por este momento. E aí onde a gente tem muitos professores. A maioria de nossos alunos já está na sala de aula, eles já estão colocando em prática. Isso vem contribuindo. O estágio é positivo; outros projetos da UNEB, como Residência (*PRP, Programa de Residência Pedagógica*) e PIBID (*Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência*), também contribuem muito para essa questão, para dar continuidade porque, anteriormente, os alunos não tinham contato com a sala de aula, mas, hoje, como eles já têm contato com o PIBID / Residência (*bolsas concedidas pela universidade, mediante seleção pública divulgada por editais*), eles já chegam

no estágio com uma facilidade maior. Isso tem trazido bons frutos para o estágio. Então, isso foi muito positivo.

A sra. disse que a maioria dos seus alunos já está na sala de aula. O processo de estágio deles é diferente dos demais, que nunca ensinaram?

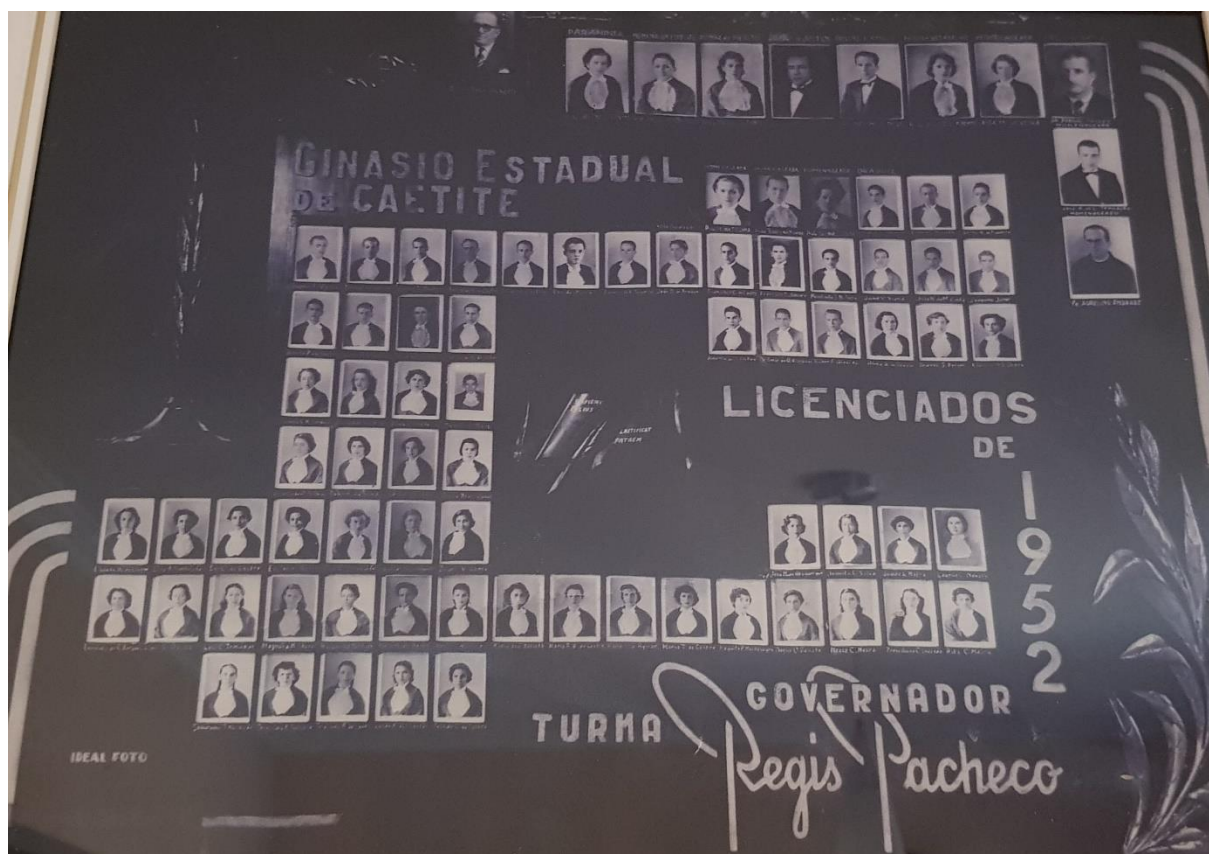
Na verdade, não há uma diferenciação entre os alunos que estão na sala de aula e os que não estão. Em relação a esta resposta, que a maioria já está na sala de aula, o que acontece é que depende muito de cada turma e de cada ano. A gente fez este semestre, por exemplo, uma pesquisa, e *[vimos que]* boa parte já tem uma experiência em sala de aula. Então, teríamos de ir mais fundo para verificar isso. Não há uma metodologia diferenciada. Agora, o aluno que está na sala de aula, ele vai ter de atuar na turma de outro professor. O estágio não é na turma dele, mas sim uma experiência que acontece na turma de outro regente. O que acontece é que há um aproveitamento de estudo, reduzindo a carga horária. Como eu voltei do doutorado há quatro anos, não sei como está o regimento específico para isso, mas, na época em que eu estudava, como eu já tinha experiência, também, não havia aproveitamento de estudo. Sempre foi desta forma. Eles estão na sala de aula, e podem solicitar redução na carga horária. O regimento de estágio sempre muda.

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA AS ESTAGIÁRIAS QUE
ATUARAM NA PRÁTICA DE ESTÁGIO EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURA ORIUNDOS DA UNEB - CAMPUS VI, NO MUNICÍPIO
DE CAETITÉ**

1. Você conhecia bem a localidade onde está executando o estágio?
2. O que influenciou na sua decisão por esta localidade e este colégio?
3. Quais recursos (material impresso, audiovisual) você trabalhou no desenvolvimento do Estágio?
4. Você vislumbra obstáculos na execução de sua prática de Estágio? Se sim, quais seriam?
5. Qual o resultado que você espera obter após a conclusão do Estágio?
6. Na hipótese de carência de material no acervo da escola onde você escolheu estagiar, como pretende suprir eventuais dificuldades?
7. Quais seus objetivos e perspectivas ao executar o Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa-Literatura?
8. Você acredita que teve um diálogo estreito com o (a) professor (a) titular da sala onde você estagiou? Como mediou conflitos ou dificuldades por parte dos alunos?
9. Quais foram as estratégias adotadas em suas aulas, no tocante à ministração do conteúdo?
10. Você acredita que a universidade lhe preparou para as atividades de estágio? Justifique sua resposta.
11. Ante a realidade múltipla da sala de aula, há deficiência na preparação para as aulas de estágio? Quais?
12. Gramática normativa, TICs e o universo do aluno. Como podemos sintonizar estes três aspectos do ensino brasileiro na sala de aula?

ANEXOS

ANEXO 1 – FOTOGRAFIA DA TURMA DE FORMANDOS DA PROFESSORA JANDIRA AGUIAR



Turma de Formandos da professora Jandira Aguiar, na Escola Normal de Caetité (1952)

**ANEXO 2 – FOTOGRAFIA DA PROFESSORA JANDIRA AGUIAR
LÉDO**



A professora Jandira Aguiar Lédo, em foto de 21/11/2021

ANEXO 3 - RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS DAS ESTAGIÁRIAS

Questionário para as estagiárias

Favor responder até o dia 28 de outubro em relação a sua experiência na ministração do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa. A pesquisa constará da dissertação de Mestrado do discente Teotônio Alves de Moura Júnior - PPGELS- Campus VI, Caetité.

Nome
*

"CLAÚDIA" - NOME FICTÍCIO PARA UMA PESSOA REAL

1 - Você conhecia bem a localidade onde está executando o estágio? *

Não. Visitei a escola apenas algumas vezes.

2 - O que influenciou na sua decisão por esta localidade e este colégio? *

A escolha do colégio foi definida a partir da disponibilidade em relação ao horário. Por conta do meu trabalho, participei do estágio no horário matutino das quartas de forma quinzenal.

3 - Quais recursos (material impresso, audiovisual) você trabalhou no desenvolvimento do Estágio? *

Por conta da pandemia, trabalhamos o estágio de forma on-line. Desse modo, utilizamos sobretudo de recursos audiovisuais e a professora supervisora disponibilizou materiais impressos aos alunos com problemas de conectividade.

4 - Você vislumbra obstáculos na execução de sua prática de Estágio? Se sim, quais seriam? *

Sim, a conectividade ao mesmo tempo que ajuda, acaba sendo um empecilho, visto a constante dependência e restrição à aplicação de atividades.

5 - Qual o resultado que você espera obter após a conclusão do Estágio? *

O estágio apresentou a realidade da sala de aulas em tempos de pandemia além do processo tecnológico. Pude perceber a inclusão tecnológica, mas também o analfabetismo digital, visto que o acesso dos alunos era sobretudo às redes, e não necessariamente às ferramentas educacionais. Além disso, há uma dificuldade para a interpretação e por conseguinte da escrita das propostas de atividades.

6- Na hipótese de carência de material no acervo da escola onde você escolheu estagiar, como pretende suprir eventuais dificuldades? *

A professora da disciplina de estágio sempre foi presente, então quando tivemos dificuldade para trabalhar com as temáticas, seja por falta de material, recorriamos a ela.

7 - Quais seus objetivos e perspectivas ao executar o Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa-Literatura? *

O objetivo principal foi desenvolver as habilidades docentes através do que aprendemos com a faculdade. O estágio foi a etapa que mais nos preparou para o contato com a sala de aula, que refletíamos a respeito das nossas dificuldades, para que pudessemos nos preparar melhor para trabalhar os assuntos.

8- Você acredita que teve um diálogo estreito com o (a) professor (a) titular da sala onde você estagiou? Como mediou conflitos ou dificuldades por parte dos alunos? *

Sim, eu mantive um contato estreito com a professora, sempre dialogando a respeito das atividades que seriam aplicadas, que inclusive ela nos dava autonomia para escolha da metodologia e avaliação

13.80

Questionário para as estagiárias

9- Quais foram as estratégias adotadas em suas aulas, no tocante à ministração do conteúdo? *

O estágio do qual participei era uma Atividade Curricular Complementar(ACC), que colaboramos em grupo. Dessa forma, reuníamos para decidir qual tema escolheríamos e qual seria a metodologia e como avaliaríamos as atividades, que eram sobretudo o texto dissertativo-argumentativo.

10 - Você acredita que a universidade lhe preparou para as atividades de estágio? Justifique sua resposta. *

Não. Na verdade, o estágio supervisionado foi o maior responsável pelo contato com a sala de aula, era a parte mais conectada de fato com o ensino, no entanto, o restante está relacionado diretamente à pesquisa. Ao ministrar gramática com os alunos, é notório uma dificuldade da maioria dos licenciandos, já que não foi trabalhado essa parte durante o curso, o que nos deixa frustrados, pois é uma parte importante da grade curricular do ensino fundamental e médio.

11 - Ante a realidade múltipla da sala de aula, há deficiência na preparação para as aulas de estágio? Quais? *

Sim, pois quase não estudamos/praticamos a elaboração de planos de aula nas aulas de prática pedagógica. Apesar de desenvolvermos uma linha de estudo para ministrar durante as aulas, tínhamos dificuldade para construir os objetivos do que fazíamos.

12- Gramática normativa, TICs e o universo do aluno. Como podemos sintonizar estes três aspectos do ensino brasileiro na sala de aula? *

O processo de ensino-aprendizagem associado ao meio digital tornou-se essencialmente a única forma de contato do professor com o aluno, o que possibilitou visualizar a inclusão e a exclusão conforme o acesso à conectividade. Apesar de manusearem celulares e computadores, nota-se a falta de um letramento voltado às ferramentas digitais, que quando planejados se tornam instrumentos educacionais. A Gramática é um dificuldade para os alunos quanto para os professores, já que criou-se um padrão descontextualizado, o que faz muitos questionarem as regras e a aplicabilidade delas para a vida real. Sabendo dos prós e contra, podemos aliar sequências metodológicas que casem a realidade digital do aluno através do desenvolvimento de aplicativos ou jogos que estimulem e auxiliem no processo de aprendizagem do discente.

Sugestões ou comentários *

Apesar de não ser o que imaginávamos, o curso de Letras ajudou a construir a visão crítica e contextualizada a respeito do ensino, o que indiretamente implica na sala de aula, visto que as atividades são pensadas e desenvolvidas nesse ponto de vista.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Respostas da estagiária “Cláudia”

Questionário para as estagiárias

Favor responder até o dia 28 de outubro em relação a sua experiência na ministração do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa. A pesquisa constará da dissertação de Mestrado do discente Teotônio Alves de Moura Júnior - PPGEIS- Campus VI, Caetité.

Nome

"KÁTIA" - NOME FICTÍCIO PARA UMA PESSOA REAL

1 - Você conhecia bem a localidade onde está executando o estágio? *

Não

2 - O que influenciou na sua decisão por esta localidade e este colégio? *

Foi decidido pela professora orientadora e a escola foi determinada através de um sorteio

3 - Quais recursos (material impresso, audiovisual) você trabalhou no desenvolvimento do Estágio? *

Google forms, textos em pdf, exposição através de power point, site wordwall.

4 - Você vislumbra obstáculos na execução de sua prática de Estágio? Se sim, quais seriam? *

Esse estágio IV foi bem atípico por conta desta situação pandêmica, acredito que um dos maiores desafios foi esse distanciamento e não conhecer os alunos, por conta dos encontros limitados pelo tempo.

5 - Qual o resultado que você espera obter após a conclusão do Estágio? *

Eu avaliei o resultado no geral como positivo, mesmo com a questão de tempo limitado no momento síncrono, os alunos davam um ótimo feedback ao que lhes foi proposto.

6- Na hipótese de carência de material no acervo da escola onde você escolheu estagiar, como pretende suprir eventuais dificuldades? *

Não tivemos esse acervo, então foi necessário formular o projeto e adequar às atividades, pesquisando textos, métodos e planos na internet.

7 - Quais seus objetivos e perspectivas ao executar o Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa-Literatura? *

Acredito que a disciplina língua portuguesa acaba integrando todas as linguagens, por isso, é importante potencializar oralidade, leitura e escrita às quais também são desenvolvidas em outros espaços e eventos sociais.

8- Você acredita que teve um diálogo estreito com o (a) professor (a) titular da sala onde você estagiou? Como mediou conflitos ou dificuldades por parte dos alunos? *

Sim. Ela nos deu dicas de textos e nos motivou muito. Como foi um período muito curto, não teve conflitos entre nós (estagiárias) e alunos.

9- Quais foram as estratégias adotadas em suas aulas, no tocante à ministração do conteúdo? *

Como foi um estágio diferenciado, nós contribuimos com um projeto de leitura de contos fantásticos. E os alunos produziram uma fanfic, eles leram o conto (o gato preto de Edgar Allan Poe) e o discutimos através de palavras norteadoras presentes no texto, por meio, do site wordwall.

Questionário para as estagiárias

10 - Você acredita que a universidade lhe preparou para as atividades de estágio?
Justifique sua resposta. *

Sim. Houve todo um acompanhamento para que as atividades não fossem desenvolvidas de qualquer jeito.

11 - Ante a realidade múltipla da sala de aula, há deficiência na preparação para as aulas de estágio? Quais? *

Não há deficiência no preparo de estratégias para a sala de aula, podemos considerar que os métodos e ferramentas precisam ser diversos para abarcar a todos.

12- Gramática normativa, TICs e o universo do aluno. Como podemos sintonizar estes três aspectos do ensino brasileiro na sala de aula? *

Os três aspectos devem estar presentes, mas acredito que a produção textual e os gêneros textuais podem ser um meio para sintonizar por exemplo a gramática (refacção de textos orais e escritos). Sendo assim, os gêneros presentes no universo digital podem ser trabalhados uma série de questões (temáticas); ademais, as produções dos estudantes necessitam ser socialmente relevantes, ao passo, que os discentes estabeleçam um elo entre o ensino de língua e a própria sociedade para uma emancipação cidadã.

Sugestões ou comentários *

Nosso estágio IV foi desenvolvida em trio. Parabéns pela sua pesquisa e me desculpa pela demora.

Respostas da estagiária “Kátia”

Questionário para as estagiárias

Favor responder até o dia 28 de outubro em relação a sua experiência na ministração do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa. A pesquisa constará da dissertação de Mestrado do discente Teotônio Alves de Moura Júnior - PPGELS- Campus VI, Caetité.

Nome

"SUELI" - NOME FICTÍCIO PARA UMA PESSOA REAL

1 - Você conhecia bem a localidade onde está executando o estágio? *

Não.

2 - O que influenciou na sua decisão por esta localidade e este colégio? *

A minha escolha foi condicionada pelas circunstâncias, já que com o período pandêmico a distribuição da localidade se deu por intermédio da professora de estágio.

3 - Quais recursos (material impresso, audiovisual) você trabalhou no desenvolvimento do Estágio? *

Plataforma Google Meet, PowerPoint, Wordwaal, pdfs, músicas, videos, formulários online.

4 - Você vislumbra obstáculos na execução de sua prática de Estágio? Se sim, quais seriam? *

Não, pois já encerrei minha atuação no Estágio. Contudo, na época, sim, à exemplo de complicações no processo ensino-aprendizagem do aluno.

5 - Qual o resultado que você espera obter após a conclusão do Estágio? *

Espero que minha atuação em sala de aula se dê sem muitas interferências desgastosas que o período pandêmico ocasionou

6- Na hipótese de carência de material no acervo da escola onde você escolheu estagiar, como pretende suprir eventuais dificuldades? *

Uma alternativa seria buscar material em minha casa ou nas escolas por onde estudei.

7 - Quais seus objetivos e perspectivas ao executar o Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa-Literatura? *

Um dos meus maiores objetivos foi o de aplicar com decência e mestria a teoria à prática.

8- Você acredita que teve um diálogo estreito com o (a) professor (a) titular da sala onde você estagiou? Como mediou conflitos ou dificuldades por parte dos alunos? *

Sim. Os conflitos eram mediados e solucionados a partir das plataformas digitais como WhatsApp ou chamadas telefônicas.

9- Quais foram as estratégias adotadas em suas aulas, no tocante à ministração do conteúdo? *

No tocante a isso, a estratégia mais eficaz foi a utilização de jogos digitais e leitura coletiva com base em um material previamente selecionado.

Questionário para as estagiárias

10 - Você acredita que a universidade lhe preparou para as atividades de estágio? Justifique sua resposta. *

Em algumas partes sim, em outras nem tanto. A verdade é que o ambiente universitário nos prepara para sermos militantes do que profissionais na área. Por sorte, tanto as professoras com quem tive o prazer de adquirir conhecimentos quanto as colegas com quem dividi esses momentos, estavam mais interessadas no processo ensino-aprendizagem enquanto futuras professoras do que agentes militantes.

11 - Ante a realidade múltipla da sala de aula, há deficiência na preparação para as aulas de estágio? Quais? *

Sim. Penso eu que, em resumo, conseguir auxiliar os alunos em suas mais diversas dificuldades, oriundas de processos variados e realidades distintas.

12- Gramática normativa, TICs e o universo do aluno. Como podemos sintonizar estes três aspectos do ensino brasileiro na sala de aula? *

É um desafio. Não consigo responder do modo adequado, mas penso que uma alternativa seria traçar um panorama daquilo que é necessário em cada área até que possa de modo coerente aplicar ao ensino brasileiro.

Sugestões ou comentários *

Muito interessante sua pesquisa. Boa sorte!

Respostas da estagiária "Sueli"